



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARIA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ana Paula Machado

GABRIELA, CRAVO E CANELA NO INSTAGRAM:
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA INTERSECCIONAL

FLORIANÓPOLIS,
2019

Ana Paula Machado

GABRIELA, CRAVO E CANELA NO INSTAGRAM:
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA INTERSECCIONAL

Projeto de Pesquisa de Criação Midiática do curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Treze Tílias, SC, para obtenção do título de especialista em Linguagens e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Markendorf

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado, Ana Paula

Gabriela, cravo e canela no Instagram : Uma
perspectiva feminista interseccional / Ana Paula Machado ;
orientador, Marcio Markendorf, 2019.
69 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Linguagens e Educação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Linguagens e Educação. 3. Feminismo . 4.
Interseccionalidade. 5. Literatura brasileira. 6. Mídias
digitais. I. Markendorf, Marcio . II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Linguagens e Educação. III. Título.

Ana Paula Machado

GABRIELA, CRAVO E CANELA NO INSTAGRAM:
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA INTERSECCIONAL

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Jair Zandoná
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Tania Regina Oliveira Ramos
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de especialista em Linguagens e Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância.

Prof.^o, Dr.^o Celdon Fritzen
Coordenador do Curso

Prof. Dr. Marcio Markendorf
Orientador

Florianópolis, 23 de Agosto de 2019

Dedico este trabalho às mulheres negras, pardas e mestiças do Brasil e, de modo especial, às mulheres negras, pardas e mestiças do Sul do Brasil onde produzo meu lugar de Fala. Para que possamos nos tornar mais potentes, visíveis e politicamente mais conscientes de nossos lugares de fala e de nossas existências.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de concluir e agradecer. Aliás, Agradecer ao ir embora é, portanto, um ato de amor. E como diz Paulo Freire, “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso”. Gratidão é uma palavrinha carregada de sentidos e, geralmente somos contagiados por esse sentimento, quando experimentamos o reconhecimento do desejo do Outro diante do nosso próprio desejo. Nessa caminhada, tornar-me sujeito do meu próprio lugar de fala, exigiu um longo processo de construção, de aproximações e afastamentos sem, contudo, como diz Paulo Freire, perder a alegria e a boniteza da procura deste lugar. Esse processo não seria possível sem o grande “Outro” representado pela Universidade e, para além dela, constituído por muitos outros, ou seja, por todos aqueles ou aquelas que de alguma forma passaram por mim e deixaram marcas profundas, especialmente marcas de compromisso com o ser humano e com a Educação. Por isso agradeço:

➤ À Universidade Federal de Santa Catarina e, de modo especial, ao curso de Pós-graduação em Linguagens e Educação a distância, Polo de Treze Tílias, SC, pela oportunidade em fazer parte dessa linda trajetória e pela oportunidade de poder imprimir minha releitura e minha reescrita do mundo a partir das mídias digitais;

➤ Ao meu querido professor e orientador: MARCIO MARKENDORF por seu companheirismo, por sua generosidade, por sua tranquilidade, por sua disponibilidade e por ter acreditado e nos acompanhado até o final desta caminhada. Obrigada professor por autorizar a voz e a existência desse trabalho!

➤ Às tutoras: FÁTIMA E PATRÍCIA, pelo acolhimento institucional, pelas primeiras orientações de ambientação à modalidade EAD, pela motivação constante e, de modo especial, pelo cuidado em tornar nosso contato tão próximo através das mídias digitais, a ponto de não sentirmos as distâncias geográficas que nos separavam.

➤ Aos professores que fizeram parte desta trajetória e, de modo especial, à professora TANIA REGINA OLIVEIRA RAMOS, pelos ensinamentos tão marcantes no início do curso, deixando em nós àquela primeira impressão tão profunda a qual não cansamos de buscar até o término dos estudos, ou seja, uma possibilidade de escrita de nós mesmos.

➤ Às minhas colegas de curso e parceiras de produção midiática: NILCEIA SPAGNOLLI PELOZATO e JAQUELINE PELOZATO, pelos bons encontros, pelas fervorosas conversas, pelas inúmeras reflexões, pela troca de experiências, pelo

compartilhamento generoso de ideias, assim como pelo compartilhamento das tantas dúvidas e angústias as quais também fizeram parte de nosso processo de aprendizagem.

➤ À minha família pelo apoio incondicional, especialmente à minha mãe: MARLY, fonte de minha inspiração que ressoa em mim o compromisso com a Universidade e com a transformação social num longo e necessário diálogo da psicologia com a Educação.

➤ À minha irmã DÉBORA, pela sua boniteza de espírito, pelo seu pulsar tão crítico e tão humano no mundo, pelo seu punho cerrado para as injustiças, pelo seu estilo tão singular e tão despreocupado com os padrões sociais e pela sua fraterna e atenta escuta. Obrigada irmã por ser comigo! Nascida e criada na era digital, obrigada por me ensinar a baixar, usar, editar, colar, fazer, refazer, pensar, enfim, obrigada por me acompanhar em mais uma pós-graduação!

➤ Finalmente, agradeço a meu filho: EDUARDO HENRIQUE, meu pequeno mestiço, pela compreensão de minhas ausências, pelo afeto e, acima de tudo, por aceitar gentilmente dividir seu tempo comigo e com meus estudos.

Agradeço a todos que, de uma maneira ou de outra, fizeram parte dessa história a qual, sem dúvida, se constituiu como uma etapa muito importante da minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

RESUMO

Considera-se que as mídias digitais dentro da chamada *web2.0*, tem transformado mundialmente as relações sociais, acadêmicas, políticas e científicas, introduzindo uma nova esfera de circulação e produção do conhecimento de forma interativa e participativa. Face aos desafios de inserção e democratização do conhecimento científico nas plataformas digitais, este trabalho consiste numa proposta de realização de uma produção midiática na rede social Instagram, com a finalidade de desenvolver uma releitura do romance amadino *Gabriela, cravo e canela* sob a perspectiva do feminismo interseccional. Para operar uma releitura crítica do romance amadino, utilizamos os conceitos de Lugar de Fala e de Interseccionalidade, apropriados pelo movimento intelectual e político do feminismo negro. A partir das leituras teóricas juntamente com a leitura do romance, elegemos três grandes eixos temáticos para a construção das micropostagens no Instagram REVISITANDO: Mulata, Lugar de Fala e Provocações, em que buscamos resgatar e ressignificar os lugares históricos e sociais das mulheres em *Gabriela, cravo e canela* com base no feminismo negro e interseccional. Para construir as micropostagens no Instagram, nos apropriamos do conceito de verbovisualidade desenvolvido por Beth Brait (2013), a partir dos estudos do círculo bakhtiniano. Este conceito foi fundamental para desenvolver a articulação do verbo e da imagem como materialidade integrada e produtora de efeitos de sentidos. A materialização do Instagram se deu por meio da abertura de uma conta comercial em que foi possível mensurar os índices de participação e interatividade dos interlocutores. Sobre a métrica geral, observamos uma predominância de participação e interação feminina na rede social entre 25 à 34 anos. Esforçamo-nos assim, em resgatar a possibilidade de integrar ciência, literatura e sociedade dentro do contexto das mídias digitais. Nesse percurso, muitas questões não foram possíveis de serem exploradas com maior profundidade e, por isso, longe de esgotar a questão, deixamos em aberto a continuidade do diálogo aos pesquisadores interessados na relevância social do tema. Pontuamos a necessidade do olhar interdisciplinar sobre o tema em que educação, tecnologia, ciência da informação e outras áreas do conhecimento possam auxiliar na reflexão de novos caminhos a partir da linguagem das mídias digitais.

Palavras-chave: Gabriela, cravo e canela. Feminismo. Interseccionalidade. Literatura brasileira. Mídias digitais.

ABSTRACT

It is considered that digital media within the so-called web 2.0 has transformed the social, academic, political and scientific relations worldwide, introducing a new sphere of circulation and production of knowledge in an interactive and participatory way. Faced with the challenges of insertion and democratization of scientific knowledge in digital platforms, this assignment is about a proposal to carry out a media production on the social network Instagram, with the purpose of developing a rereading of the novel *Gabriela, cravo e canela*, by Jorge Amado, from the perspective of intersectional feminism. To operate a critical rereading of the Jorge Amado's novel, we use the concepts of Place of Speech and Intersectionality, appropriated by the intellectual and political movement of black feminism. From the theoretical readings together with the reading of the novel, we chose three major thematic axes for the construction of the micro posting on Instagram REVISITANDOO: Mulata, Place of Speech and Provocation, in which we seek to rescue and re-signify the historical and social places of women in *Gabriela, cravo e canela* based on black and intersectional feminism. To build the micro posting on Instagram, we took the concept of verbal-visuality developed by Beth Brait (2013), from the Bakhtin Circle studies. This concept was fundamental to develop the articulation of the verb and the image as integrated materiality and producing effects of senses. The materialization of Instagram occurred through the opening of a commercial account in which it was possible to measure the participation and interactivity indices of the followers. Regarding the overall metric, we observed a predominance of participation and interaction in the social network of women between 25 and 34 years old. We strive thus to rescue the possibility of integrating science, literature and society within the context of digital media. In this way, many questions were not possible to be deeply explored and, therefore, far from clarify the issue, we left the discussion continuing open to the researchers who are interested in the social relevance of the subject. We point out the need for an interdisciplinary look at the theme in which education, technology, information science and other areas of knowledge can help in the reflection of new paths based on the language of digital media.

Keywords: Gabriela, cravo e canela. Feminism. Intersectionality. Brazilian literature. Digital media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1. Apresentação do perfil geral do Instagram: REVISITANDOO.....	34
Fig. 2. Exemplo de figuras femininas utilizadas em posts no Instagram: REVISITANDOO.....	36
Fig. 3. Exemplo das modalidades discursivas utilizadas na criação das verbovisualidades.....	37
Fig. 4. Produção verbo-visual: quando imagem e verbo constituem uma mesma materialidade.....	38
Fig. 5. Produção verbal: quando a imagem complementa o texto.....	39
Fig. 6. Produção verbal: quando o texto confirma e nega ao mesmo tempo o campo visual.....	39
Fig. 7. Imagem de apresentação das ferramentas: Stories e Destaques.....	40
Fig. 8 Post de apresentação do Instagram: REVISITANDOO.....	41
Fig. 9 Post de apresentação da Obra: Por que ler <i>Gabriela, cravo e canela</i>	43
Fig. 9.1. Post de apresentação da Obra: Popularidade da obra e valorização da cultura.....	43
Fig. 9.2 Post de apresentação da Obra: características do contexto histórico e cultural presentes no romance.....	44
Fig. 9.3 Post de apresentação da Obra: releitura interpretativa da personagem Gabriela.....	44
Fig. 10. Apresentação dos blocos temáticos.....	47
Fig. 11 Origem etimológica da palavra Mulata.....	50
Fig. 12 Invenção da mulata como corporeidade não engendrada socialmente.....	53
Fig. 13 Lugar de fala: um lugar de solidão.....	55
Fig. 14. Provocações: Marielle Franco.....	57
Fig. 15 Apresentação dos destaques.....	59
Fig. 16. Publicações principais dos destaques.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro geral de apresentação dos trabalhos sobre <i>Gabriela, cravo e canela</i> sob uma perspectiva crítica feminista.....	28
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Contextualizando o romance: <i>Gabriela, cravo e canela</i>	16
2.2 Lugar de Fala e Interseccionalidades.....	19
2.3 Mídias Digitais no contexto educacional.....	23
CAPÍTULO II	27
3. PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 Construindo as narrativas teóricas e metodológicas.....	27
3.2 Construindo as verbo-visualidades no Instagram.....	30
CAPÍTULO III	33
4. GABRIELA, CRAVO E CANELA NO INSTAGRAM: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA INTERSECCIONAL	33
4.1 Criando uma conta no Instagram.....	33
4.2 Construindo as verbovisualidades.....	35
4.3 Apresentação geral do Instagram: REVISITANDO.....	41
4.3.1 Características da Obra: Por que ler <i>Gabriela</i> ?	43
4.3.2 Apresentação dos blocos temáticos no Instagram.....	47
4.3.2.1 #Mulata.....	49
4.3.2.2 #Lugar de fala.....	54
4.3.2.3 #Provocações.....	57
4.4 Stories e Destaques.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que as mídias digitais vem assumindo há alguns anos um lugar expressivo na vida das pessoas e se constituindo como elemento social e cientificamente relevante. Por sua característica globalizada, interativa e participativa, a *web 2.0* que inaugura as novas plataformas digitais, têm transformado mundialmente as relações sociais, acadêmicas, políticas e científicas, introduzindo uma nova esfera de circulação e produção do conhecimento.

Conforme as autoras Ilza Natali Vicente, Eliza Cristina Delfini Correa e Tito Sena (2015), as redes sociais criaram raízes na sociedade e fazem parte de uma nova sensibilidade global em que vemos despontar o poder das conexões, da aprendizagem coletiva e do compartilhamento social sem precedentes na história da humanidade. A utilização dos recursos da *web 2.0*, assim como das redes sociais, tem provocado novas práticas de comunicação científica, possibilitando maior visibilidade das pesquisas realizadas tanto para a comunidade científica quanto para a população em geral. Em que pese o caráter dinâmico e volátil das informações nos ciberespaços, Vicente, Correa e Sena (2015) apontam que a integração da ciência nas mídias tem enfrentado alguns desafios sendo que o principal talvez seja o de acompanhar as transformações globais inserindo-se nesses espaços digitais sem perder o seu caráter histórico, contextual e de legitimidade das evidências científicas.

No entanto, os desafios são apontados como necessários de serem enfrentados pela comunidade científica, tendo em vista que as mídias digitais se constituem como possibilidades de aproximação entre ciência e sociedade e de democratização do acesso ao conhecimento, dentro de uma perspectiva global de compartilhamento, interação e participação. Esta visão é corroborada nos estudos de Porto, Oliveira e Rosa (2018), ou seja, que todo pesquisador deve ser também um comunicador. Conforme os autores: “[...] produzir meios de se comunicar com os pares e divulgar seus trabalhos para a comunidade científica e população é um ato necessário à ciência”. (PORTO; OLIVEIRA; ROSA, 2018, p. 11).

Face aos novos desafios, este trabalho insere-se dentro do módulo Suportes Narrativos e consiste na realização de uma produção midiática na rede social Instagram, com a finalidade de desenvolver uma releitura do romance amadino *Gabriela, cravo e canela* sob uma perspectiva do feminismo interseccional.

Por sua popularidade, o romance *Gabriela, cravo e canela* já foi revisitado na academia sob uma perspectiva feminista algumas vezes, especialmente a partir dos anos 2000. No entanto, observamos nestes estudos a ausência de uma proposta midiática como campo de produção do conhecimento. Também em outras mídias digitais como o Facebook, blogs e Instagram, constatamos uma ausência de releitura deste romance sob uma perspectiva crítica e, nos mais das vezes, o nome Gabriela em referência à obra é apropriado predominantemente como representativo de marcas comerciais voltado para o público feminino ou ainda, como representativo de marcas de empresas voltado para o turismo. Essa percepção revela ser este trabalho pioneiro dentro da proposta de releitura do romance amadino a partir da rede social Instagram.

Escolhemos o romance *Gabriela, cravo e canela* porque somos empáticas à obra amadina, mas, especialmente, porque somos empáticas àquilo que este romance tem de potente à dizer sobre a mulher naquele contexto e que ainda ressoa nos dias de hoje. É válido ressaltar, que nossas intenções não são a de contar ou resenhar o romance *Gabriela, cravo e canela* e, talvez por isso, o leitor que não tenha familiaridade com a obra, possa sentir falta de pormenores para compreender a contextualização maior que fazemos do romance. Dito isso, a finalidade de reinventar o lugar social das mulheres no romance por meio do Instagram a partir da crítica feminista, é o de nos levar a refletir como a ficção (re)produz esses lugares de uma época tão longínqua e ao mesmo tempo capaz de produzir efeitos de sentidos que nos soam tão próximos e atuais.

Para realizar nosso objetivo de produção midiática tivemos então que nos familiarizar com a plataforma escolhida: o Instagram, o qual, por sua vez, consiste basicamente numa rede social que tem como característica principal o compartilhamento de fotos/imagens. Para tanto, foi necessário o manejo de muitas outras ferramentas dentro do próprio Instagram e, para além dele, em outros aplicativos compatíveis a esta plataforma, para que se tornasse possível a materialização da nossa proposta de trabalho.

Neste sentido, além de nos apropriarmos do conhecimento e execução das ferramentas disponíveis, arquitetamos o Instagram a partir da perspectiva em que essa construção está subordinada, ou seja, dentro da leitura do romance *Gabriela, cravo e canela* e dos conceitos fundamentais que nortearam e possibilitaram sua construção. Assim, operamos com os seguintes conceitos que serão explorados ao longo deste trabalho: o conceito de verbo-visualidade a partir das considerações de Beth Brait (2013); o conceito de Lugar de Fala retomado por Djamila Ribeiro (2018) e, o conceito de Interseccionalidade,

discutido por Kimberlé Crenshaw, Andiara Ramos Pereira (2016), Adriana Pscitelli (2008) e Carlos Eduardo Henning (2015).

Pela complexidade das inter-relações teóricas, literárias e midiáticas, dividimos a apresentação deste trabalho em capítulos para sua melhor compreensão e apresentação.

No capítulo I, iniciamos falando do romance *Gabriela, cravo e canela* discorrendo como este romance está contextualizado dentro do conjunto da obra de Jorge Amado e da perspectiva crítica feminista, especialmente, sobre o ponto que incide a construção da mulata no Brasil. Em seguida, abordamos os principais conceitos teóricos que nortearam nosso olhar para a análise e interpretação do romance, assim como para a construção das verbo-visualidades entre os principais já mencionados anteriormente: o conceito de Lugar e o conceito de Interseccionalidade.

No capítulo II, abordamos sobre o percurso metodológico em que descrevemos os passos que nos levaram a construção do Instagram. Neste capítulo, apresentamos num quadro geral, as pesquisas acadêmicas que de forma semelhante, abordam o romance *Gabriela, cravo e canela* sob uma perspectiva crítica feminista e interseccional. Também apresentamos como o romance tem sido apropriado em outras plataformas digitais como o Facebook, blogs e Instagram. Em seguida, apresentamos os passos para a criação das verbo-visualidades no Instagram e as ferramentas que foram utilizadas para construir essa grande superfície de contato com os interlocutores.

No capítulo III, apresentamos o relatório da construção do Instagram propriamente dito. Neste capítulo, discorremos sobre nossas escolhas imagéticas, textuais e audiovisuais. Também apresentamos as micropostagens¹ e os paratextos² que fizeram parte da construção verbo-visual do Instagram, assim como, apresentamos resumidamente sobre a mensuração da participação e interatividade dos interlocutores no Instagram.

Por fim, nas considerações finais discorremos sobre a experiência enriquecedora que foi operar uma releitura do romance *Gabriela, cravo e canela*, por meio do Instagram, sob uma perspectiva feminista interseccional. Esperamos com este trabalho poder instigar, a partir da comunicação verbo-visual, um novo método de inclusão e democratização do conhecimento, partindo do pressuposto de que as mídias digitais são importantes ferramentas para o alargamento do diálogo da ciência e da literatura com a sociedade.

¹ Os microposts referem-se às publicações no Instagram. Também usamos como sinônimo: foto-imagens ou, verbo-visualidades.

² O Paratexto é considerado um texto que acompanha o texto principal. Em termos mais desenvolvidos, ele é constituído pelos elementos verbais e visuais que enquadram o texto propriamente dito, oferecendo informações de teor pragmático, semântico e estético-literário, que suportam de modo relevante a leitura.

CAPÍTULO I

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Escolhemos o Romance como gênero literário privilegiado para compor a produção midiática, obra-prima deste trabalho. É sobre o romance amadino: *Gabriela, cravo e canela*, que desenvolvemos nossa proposta de releitura no Instagram sob uma perspectiva feminista e interseccional.

Temos em mente que *Gabriela, cravo e canela* é um romance que ocupa um lugar importante dentro da literatura brasileira e da biografia de seu autor. Trata-se de um romance popular e ainda muito potente de sentidos, especialmente porque a moderna ficção de Jorge Amado dialoga com a construção de um tempo e lugar que ainda nos soam muito próximos de posições subjetivas, estruturas de poder e realidades brasileiras.

Certamente, a obra amadina não é uma réplica idêntica da realidade, mas incontestavelmente, guarda com esta, um conhecimento próprio em que podemos observar a construção pós colonial de identidades brasileiras ainda presentes na sociedade e reportadas no romance.

Por se tratar de um romance de grande popularidade, *Gabriela, cravo e canela* também passou a ser revisitada na academia sob uma perspectiva crítica, partindo da problematização interseccional de classe, raça e gênero, elementos que se encontram de forma acrítica no romance. Estas releituras têm possibilitado outros olhares que tencionam a construção do imaginário sobre a Bahia, o Brasil, o povo brasileiro e a “mulher”, criados por Amado e repercutidos internacionalmente através de *Gabriela, cravo e canela*.

Para tanto, buscamos nos apropriar do entendimento dialógico que constitui o romance amadino, ancorando nossas discussões a partir dos conceitos de Lugar de fala e Interseccionalidade para problematizar no Instagram, contextos históricos, políticos e sociais, os quais, tem legitimado desigualmente a participação da mulher na sociedade.

Para fins didáticos, apresentaremos em tópicos as principais leituras e conceitos que acompanharam nosso olhar sobre o romance e que possibilitaram a construção da grande superfície de contato verbo-visual no Instagram.

2.1 Contextualizando o romance: *Gabriela, cravo e canela*

Escrito em 1958, o romance *Gabriela, cravo e canela* alcançou grande empatia entre o público leitor e notoriedade entre a crítica literária corroborando com uma surpreendente repercussão de vendas. Para se ter uma ideia, *Gabriela, cravo e canela* publicado em agosto de 1958 (Petrópolis, RJ), vendeu 20 mil exemplares nas primeiras duas semanas de sua publicação. Em dezembro do mesmo ano, foi lançada a 6ª edição, que passou a integrar a coleção Obras Ilustradas de Jorge Amado como tomo décimo quarto, volume XIX, seguindo-se edições sucessivas até a 50ª edição em 1975. Em 2012 a obra chega à sua 100ª edição no Brasil.

Além do número de vendas, o romance obteve no ano seguinte ao da sua 1ª edição, cinco importantes prêmios: Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1959; Prêmio Paula Brito, da antiga Prefeitura do Distrito Federal, Rio de Janeiro, 1959; Prêmio Luísa Cláudia de Sousa, do PEN Clube do Brasil, Rio de Janeiro, 1959; Prêmio Carmem Dolores Barbosa, de São Paulo, 1959; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 1959. Outras informações sobre vida e obras de Jorge Amado podem ser encontradas no site da “Fundação Casa de Jorge Amado”³.

Gabriela, cravo e canela ainda foi publicado em Portugal e é o romance de Jorge Amado com o maior número de traduções, tendo sido traduzido em mais de 31 línguas.

O romance ainda foi adaptado para outros espaços narrativos e midiáticos, possibilitando novas repercussões do romance no imaginário popular:

- Na Televisão: novela *Gabriela*, TV Tupi, adaptação de Zora Seljan, com Jeanete Volu no papel principal; Rede Globo de Televisão, 1975, adaptação de Walter Durst, com Sônia Braga no papel principal, sucesso no Brasil e em Portugal. Também em 2012 na Rede Globo, com direção geral de Mauro Mendonça Filho e com Juliana Paes no papel principal de Gabriela.
- No cinema: *Gabriela*, filme dirigido por Bruno Barreto, 1985, com Sônia Braga no papel principal.
- Na dança: espetáculo apresentado pelo Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 2016, além de adaptações nacionais e estrangeiras.

³A Fundação Casa de Jorge Amado é uma organização não-governamental e sem fins lucrativos cujo objetivo é preservar, pesquisar e divulgar os acervos bibliográficos e artísticos de Jorge Amado, além de incentivar e apoiar estudos e pesquisas sobre a vida do escritor e sobre a arte e literatura baianas. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br>. A fundação Casa de Jorge Amado também pode ser visitada pelo Facebook e pelo Instagram.

- Em fotonovela: revista Amiga, Rio de Janeiro, outubro de 1975.
- Quadrinhos: Editora Brasil-América, Rio de Janeiro, e revista Klik, Ebal, Rio de Janeiro, 1975.⁴

Este sentimento de empatia com a obra se deve em grande medida pela aproximação de Amado com seu público-leitor. Conforme nos fala Carolina Fernandes Calixto (2011, p. 99), ao retratar as identidades regionais por meio dos diferentes tipos sociais e dos costumes locais em linguagem tão próxima da realidade, o autor cria “uma conexão singular do autêntico na literatura com o povo”.

Esta aproximação do público com a obra tem a ver também, segundo Calixto (2011, p. 99), com os aspectos biográficos do autor o qual inaugura uma nova fase literária a partir de *Gabriela, cravo e canela*. Este romance é considerado um divisor de águas na literatura de Jorge Amado, representativo dos ideais modernistas de sua época e de seu reencontro com a literatura descomprometida com o trabalho literário/partidário⁵.

O movimento da “Segunda Geração Modernista” ou, “Geração de 1930”, movimento artístico-literário o qual Jorge Amado se insere, buscava o aprofundamento e o amadurecimento das identidades nacionais. Conforme Juliana Santini (2014, p. 117), a ficção regionalista brasileira destacou-se como um movimento artístico-literário que buscava dar forma ao desejo de construir uma imagem de nação a partir das regionalidades e, segundo esta autora, “é desse modo que o conto regionalista concretiza a proposta de uma representação em que a narrativa liga-se ao real com o intento de incorporar esteticamente uma realidade” (SANTINI, 2014, p. 117). Nesse sentido, o cotidiano passou a ser explorado a partir dos problemas sociais e históricos, manifestando inquietações existenciais e religiosas que ampliaram as proposições da primeira fase modernista de 1922.

Outra característica marcante em *Gabriela, cravo e canela* refere-se ao elogio à mestiçagem brasileira como parte do conjunto da valorização da identidade nacional. Sobre isso, Jorge Amado propõem de forma polêmica que o hibridismo racial é a única forma de solucionar a questão do racismo no Brasil⁶. Esta visão amadina, ancora-se nos novos ideais modernos em torno da democracia racial, inaugurada por Gilberto Freyre em seu livro: *Casa grande & Senzala* escrito em 1933.

⁴ Informações disponíveis em <http://www.jorgeamado.org.br>.

⁵ Amado esteve ligado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) até 1954. Após essa data o autor abandona o gênero “romance proletário” relacionado ao realismo socialista – tendência artístico-literária que era associada ao dirigismo político partidário do socialismo soviético. (CALIXTO, 2011, p. 103).

⁶ A mestiçagem como forma de escapar do racismo é uma declaração feita pelo autor em 1984 no programa de Silvia Popovic e pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=nQ0Y3SpVVbc>

George Reid Andrews (1997, p. 97-99), nos fala que a democracia racial foi um constructo científico promissor utilizado por Gilberto Freyre em seus estudos sobre a formação do povo brasileiro no período colonial. Apropriado pelo discurso político e jurídico no Brasil, a ideia central sobre a democracia racial é a de que o Brasil é constituído por uma sociedade multirracial e multicultural. Dentro desse contexto, o mestiço, fruto das relações inter-raciais entre o homem branco e mulheres negras e indígenas, surge como a figura social central e representativa da identidade brasileira. Dentro do espírito democrático de interação racial brasileira, Andrews (1997, p. 98) nos fala que a miscigenação foi vista positivamente por Gilberto Freyre, como capaz de superar o binômico branco/negro, opressor/oprimido, produzindo a ilusão da igualdade entre as raças.

Embora a proposta de centralização da figura do mestiço tenha sido apropriada, inclusive pela literatura brasileira, como possibilidade promissora para a superação do racismo no Brasil, o mito da democracia racial foi duramente questionado a partir dos anos de 1950. Como nos mostra Andrews (1997, p. 99), nesta época, despontaram estudos profundos das relações sociais brasileiras apontando para uma nítida desigualdade social, política e econômica no país entre brancos e negros.

Apesar do romance *Gabriela, cravo e canela* ter sido escrito em 1958, período em que já tem despontado uma série de projetos de pesquisas sobre as relações raciais brasileiras, observamos como Amado insiste em retratar o Brasil composto por um povo humilde, híbrido e alegre por natureza, travestindo de otimismo e cordialidade as subalternidades raciais e classistas presentes na estrutura da nação brasileira.

Utilizando-se de uma linguagem coloquial e agradável retratada nas prosas de um povo animado, o romance toca quase imperceptivelmente nos duros contrastes brasileiros de classe, raça e gênero. Sobre isso, concordamos com Djamila Ribeiro (2017, p.26), quando ela nos fala que a linguagem a depender de como é utilizada pode representar tanto mais uma barreira de entendimento criando espaços de poder do que produzir compartilhamento, compreensão e consciência da realidade. A autora propõe uma reflexão sobre a linguagem como descolonização do conhecimento, criticando a norma culta falada na medida em que esta tem tratado com desdém e condescendência a linguagem falada dos povos negros africanos. Por contraste, em Amado, nós identificamos estas barreiras a partir de uma linguagem coloquial, a qual, ainda que partindo da ideia da valorização da linguagem cultural, acaba reproduzindo o modelo social vigente machista e patriarcal de sua época.

Nesse sentido, buscamos outras narrativas para compreender as mulheres amadinas em *Gabriela, cravo e canela*, especialmente a partir dos conceitos de Lugar de Fala e de interseccionalidade, inserindo-os no debate sobre o lugar social das mulheres no romance amadino, com a finalidade de produzir outras linguagens possíveis para identificar esse lugar.

2.2 Lugar de fala e Interseccionalidade

Narrada pelo discurso masculino, a personagem Gabriela é da ordem do sensorial, do sensual e do desejo. É mulher mulata feita de pura sensação! Cheira à cravo, tem cor e gosto de canela! É figura mítica que produz o imaginário de uma corporalidade inocente, sensual e amoral. Ela é considerada por seu autor como símbolo da mulher e do povo brasileiro. Da classe popular, ela faz contraste com a mulher branca e burguesa. É mais dócil do que a negra escrava e selvagem. No romance, ela ultrapassa a obra de ficção e legitima o imaginário sobre a mulata no Brasil: feita para ser apreciada e consumida como o cravo e a canela⁷.

Não cabe aqui uma análise pormenorizada das personagens femininas do romance, já que esta leitura será apresentada na parte final deste trabalho. Mas, convém destacar como a personagem *Gabriela*, representante legítima de todas as outras mulheres, é construída no imaginário popular. Ou seja, por um lado, dentro do debate racial, *Gabriela* significa o encontro das raças, elevada ao *status* de um tipo de gênero distinto de “ser”, a qual, na condição de mulata, já foi declarada por seu autor como símbolo da mulher brasileira⁸. Por outro lado, como estatuto simbólico, a mulata é identificada no romance como objeto social e sexual, como aquela que leva uma vida de desordem, feita somente para amar, porque tudo nela é apenas graça, sensualidade e desejo.

É curioso notar como a narrativa que constrói a relação *Gabriela/mulata*, vincula-se às estruturas históricas de colonização e dominação masculina euro-cristã sobre a população indígena e negra no Brasil. Sobre isso, Ana Rita Meyer (2010) em seu artigo intitulado “A categoria mulata e a negação de sua própria libertação como negra e como mulher”, propõe uma reflexão sobre a construção das representações sociais da mulata e do mulato no Brasil. Meyer (2010, p. 262), defende a hipótese que a construção social da mulata

⁷ A descrição da personagem Gabriela foi retirada de um para texto de um micropost de apresentação sobre a obra *Gabriela, cravo e canela*. A micropostagem pode ser vista na íntegra no Instagram: REVISITANDO.

⁸ O símbolo do homem brasileiro seria Moacir, filho de Martim (português) e Iracema (indígena), considerado o primeiro brasileiro, idealizado pela obra *Iracema*, de José de Alencar.

se deu pela junção de dois fatores: pela falta das mulheres brancas e pela discriminação às mulheres negras. Segundo esta autora, foram os portugueses da sociedade colonial que, na falta de suas esposas, utilizaram-se de outras mulheres (preferencialmente não negras), em troca de presentes e regalias, para satisfazerem seus desejos sexuais. Foram também eles que construíram o corpo da mulata a partir de atributos interessantes como, por exemplo, a ideia da facilidade para render-se ao sexo. Assim, conforme Meyer (2010, p. 262), diante do olhar masculino: “A mulata representa, portanto, a negação da negra. Sua construção surge do próprio racismo e do machismo incrustado nas relações sociais brasileiras”. Nesse sentido, a feminilidade da mulata tem sido construída desde sua origem por aproximações e afastamentos em relação à mulher branca, a qual por sua vez, ocupa um lugar de referência no discurso hegemônico sobre o *status* da feminilidade.

Na literatura brasileira, a proclamação da figura do mestiço como identidade nacional em sua positividade contribuiu, por meio do seu tom romanesco, com o obscurecimento das estruturas classistas, sexistas e raciais de poder existentes na sociedade. Sobre a invenção da mulata no Brasil, Mariza Correa (1996) observa, como o corpo social da mulata foi e tem sido arquitetada na literatura e nas mídias como pura sensação e puro sexo. Complementando essa ideia, Maria Selister Gomes (2010) em seu artigo: “A (des)(re)construção do Brasil como um paraíso de mulatas”, chama atenção para a repercussão dessas narrativas sobre a erotização do corpo da mulata, as quais têm produzido o turismo sexual no Brasil em que homens do mundo todo seguem à caça de brasileiras, especialmente mulatas, por seus alegados encantos e pela suposta facilidade sexual.

Em “Negociando a subjetividade da mulata no Brasil”, Gilliam e Gilliam (1995, p. 529) ressaltam que, apesar da romantização da união entre as raças, a construção social da mulata no Brasil ainda ressoa a máxima proferida por Gilberto Freyre: “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar”. Aliás, abrimos um parêntese para dizer que é desse lugar de subordinação simbólica e socioeconômica que negras e mulatas falam ou mesmo silenciam no romance amadino.

Assim, pensar “Lugar de fala” pressupõe, segundo Ribeiro (2017, p. 61), em refletir sobre “a localização dos grupos nas relações de poder”. Segundo esta autora, falar não se restringe em emitir palavras mas, fundamentalmente, falar implica poder existir. Para tanto, precisamos nos perguntar: Quem pode falar/existir? O que é permitido falar? E, além disso, dentro de um projeto de colonização, quem foram os indivíduos autorizados a falar e, portanto, terem suas humanidades reconhecidas?

Lugar de fala é, portanto, uma reflexão sobre o *locus* social que diferentes grupos ocupam diante da matriz de poder e dominação que se pretende como discurso autorizado e universal. O debate central desta discussão refere-se “a posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experimentar opressões” (RIBEIRO, 2017, p. 71).

Conforme Ribeiro (2017, p. 21), para falar em feminismo precisamos abrir mão de uma categorial universal de mulher, levando em consideração outras intersecções que posicionam cada mulher distintamente na sociedade conforme sua raça, classe e sexualidade. Nesse sentido, a autora nos fala que para desafiar as representações cristalizadas do feminino dentro de uma norma hegemônica, é preciso criar novos lugares de fala, resignificando não apenas as relações de gênero (da mulher com o outro, da lógica patriarcal), bem como e, mais profundamente, promover um debate sobre a visibilidade das mulheres na esteira de um feminismo interseccional, capaz de abordar as diferentes opressões que entrecruzam-se com a categoria de gênero.

Assim, ao discorrermos que o lugar de fala da mulher é distinto e desigualmente posicionado, nos referimos não apenas ao par binário masculino e feminino mas, especificamente, nos reportamos ao conceito de interseccionalidade problematizado dentro do próprio feminismo. Para Kimberlé Crenshaw, norte americana e defensora dos direitos civis, o gênero não é a única forma de opressão, assim como, não existe uma hierarquia de opressões, mas, opressões que se entrecruzam e interpelam-se mutuamente. Esta autora nos oferece como exemplo uma imagem de diversas avenidas que se cruzam, observando que, em cada uma dessas avenidas, circula um eixo de opressão. Em certos lugares, ou seja, no ponto em que as avenidas se cruzam, encontra-se por exemplo a mulher negra, a qual tem que enfrentar simultaneamente os fluxos de opressão que confluem, ou seja, a opressão vivenciada em razão do gênero e da raça ao mesmo tempo.

Para Crenshaw (*apud* Psicitelli, 2008, p. 267), “As interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo”. Nesse sentido, classe, raça e gênero são intersecções necessárias para pensar a construção do sujeito face aos sistemas de dominação, opressão, marginalização e subordinação social que estruturam a vida dos sujeitos na sociedade.

Pensar o feminismo interseccionalmente, tem sido pauta de feministas negras, as quais vêm chamando a atenção para as confluências de opressões sofridas por mulheres negras e, ao mesmo tempo, visibilizando outras narrativas dentro do campo de

reivindicações feministas. Conforme a estudiosa Andiara Ramos Pereira (2016, p. 363), historicamente, a pauta de reivindicações feministas se constituiu de forma diferente para as mulheres, conforme a localização de seus corpos sociais na estrutura de poder. Segundo esta autora: “Enquanto as mulheres brancas podiam voltar seus esforços para questões como educação, caridade ou formação de sociedades literárias, as mulheres negras eram obrigadas a tratar do problema da pobreza, do cuidado dos idosos inválidos e da prostituição”.

Segundo Ribeiro (2017, p. 78), o olhar tanto de homens brancos quanto de mulheres brancas têm conduzido a mulher negra a uma posição de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassada. Em outras palavras, a autora nos propõe refletir sobre como as condições socioeconômicas e as representações sobre raça, marcam posições subjetivas e lugares diferentes para cada mulher na sociedade, tornando hierarquicamente mais difícil o acesso à cidadania conforme sua subordinação social em referência ao cruzamento dos marcadores sociais de opressão de classe, raça e gênero.

Andiara Ramos Pereira (2016, p. 364) ainda nos fala que ao negar a condição social de mulheres negras dentro do próprio movimento feminista, o feminismo branco não somente tem neutralizado vozes diferentes e destoantes das suas, bem como tem produzido outras formas de opressão pela sujeição das diferenças e deslegitimação do lugar social e do direito à voz de mulheres negras.

Para falar sobre um feminismo interseccional, nos parece necessário não tomar como pressuposto uma identidade cristalizada de sujeito, mas problematizar as experiências diversificadas das mulheres brancas e de cor, desnaturalizando as diferenças biológicas e raciais como justificativa das desigualdades sociais, raciais e de gênero. Nesse sentido, Ribeiro (2017, p. 44) nos fala que definir-se é algo importante, porque, além de demarcar nossa identidade, pode ser um caminho frutífero para transcendermos às normas hegemônicas ao propormos outras narrativas para esse lugar marginal. A autora ainda nos fala, que se apropriar desse “não-lugar” pode servir como ponto de partida, tanto para sentirmos como esse não-lugar é doloroso, quanto para ressignificar esse *locus* como um lugar de potência, um lugar de fala histórico e político.

Dentro da perspectiva do feminismo interseccional, algumas releituras sobre o romance amadino tem apontado que a teoria da integração racial conduziu no mais das vezes a categoria mulata a ideia de embranquecimento, negando-lhe sua origem étnica/racial. Este pensamento conduziu a invenção da categoria mulata como um entre-lugar que, apesar de

não se tratar de um “não-lugar” negro, contribuiu com a produção de outras formas de opressão como por exemplo, o apelo erótico e sexual de seu corpo.

Especialmente no romance *Gabriela, cravo e canela*, Amado não deixa de reproduzir as estruturas sociais de poder que legitimam as mulheres nesse não-lugar de cidadania especialmente ao narrar as mulheres pelo olhar e discurso masculinos. E, apesar de algumas personagens serem consideradas destoantes dessa lógica como Malvina e Glória, não há no romance elementos que nos levem a pensar em uma nova releitura para esses padrões hegemônicos patriarcais e racistas de sociedade, apesar, como já dito anteriormente, do tom cordial e apaziguador como são conduzidos os dramas pessoais e solitários de algumas mulheres.

Longe de encerrar a discussão sobre o tema, buscamos iniciar uma discussão sobre a possibilidade de pensar o feminismo interseccional na releitura do romance *Gabriela, cravo e canela* por meio do Instagram. Assim, ao propormos revisitar o romance amadino a partir das mídias digitais também estamos propondo um novo espaço de fala e comunicação do conhecimento literário e científico, operando com a adequação de linguagens verbo-visuais e, ao mesmo tempo, inserindo os diversos atores sociais que ocupam este ciberespaço para um debate público e participativo nas mídias digitais dentro do contexto educacional.

2.3 Mídias digitais no contexto educacional

As mídias digitais têm ocupado um novo espaço a partir da chamada web 2.0. Criada por Tim O’Reilly, a *Web 2.0* é considerada uma das maiores revoluções ocorridas até o momento na era digital. Antes dela, a internet era concebida de forma passiva na relação com os usuários, ou seja, era vista como um *locus* de informações unidirecional, dispensando a participação dos usuários na produção e circulação de conteúdos e informações. Conforme Sampaio (2013), com a *web 2.0*, as páginas na internet começaram a fornecer uma experiência muito diferente, especialmente no que diz respeito às múltiplas possibilidades de interação, conversação e participação dos usuários na produção e circulação das informações e disseminação do conhecimento.

Ainda conforme Sampaio (2013), com a *Web 2.0*, foi possível criar diversas outras plataformas participativas como blogs, sites de publicação de vídeo, a Wikipedia e as redes sociais como o Instagram. Estas plataformas têm possibilitado a expansão de uma cultura

participativa em que vemos circular uma diversidade de informações sobre conteúdos variados, além de as novas mídias digitais terem se transformado num instrumento potencial para o desenvolvimento de mobilização política, educacional, social e cultural (SAMPAIO, 2013).

Um novo e complexo sistema informacional aparece então como desafio para integração da ciência e tecnologia, as quais não podem mais ser pensadas como apartadas entre si e da sociedade. A democratização do conhecimento por meios das mídias digitais é considerada por alguns estudiosos, entre eles Vicente, Correa e Sena (2015), como um caminho frutífero na transformação do conhecimento especializado, em linguagem acessível, como potencializador de cidadania.

Vicente, Correa e Sena (2015), ao analisarem a divulgação do conhecimento científico a partir das redes sociais de bibliotecas universitárias sob uma perspectiva netnográfica, observam como as redes sociais estão presentes em todos os níveis e segmentos da sociedade, apontando estas novas práticas de comunicação como possibilidades de aproximação da ciência com a sociedade. Dentro do contexto educacional, o uso das mídias digitais tem possibilitado inserir uma parcela significativa da sociedade na construção participativa do conhecimento e de sua democratização.

Vicente, Correa e Sena (2015) ainda chamam atenção para uma característica muito importante das redes sociais que é a formação de comunidades que partilham e trocam experiências a partir de uma base comum de interesses e, nesse sentido, observam a importância de ciência e tecnologia inserir-se nesse espaço para tecerem juntas novas possibilidades de narrativas junto a esses agrupamentos sociais/digitais. Além disso, os autores também apontam o grande alcance quantitativo de usuários inerente às redes sociais como elemento importante para divulgação do conhecimento científico numa relação profunda com a sociedade: a do saber compartilhado.

Cezar Antônio Pereira (2018) nos fala ainda, sobre a importância do apoio da cibercultura para o engajamento popular na difusão do conhecimento científico e, sobre isso, os autores observam que alguns cuidados devem ser tomados, especificamente no que diz respeito aos conceitos científicos na sua relação com o cotidiano, ou seja, apesar de haver um grande interesse popular sobre a publicação científica, há também um imenso desconhecimento por parte da população sobre os conceitos que orientam os estudos e respaldam as evidências científicas. Por essa razão, toda prática que se utilize das mídias digitais não deve, segundo os autores, prescindir de um olhar histórico e de uma reflexão dos

objetivos dessa prática: sobre aonde divulgar, o que divulgar, de que forma e para quais públicos. (PEREIRA, 2018).

Neste sentido, escolhemos o Instagram como mídia digital privilegiada para compor o campo de produção do conhecimento científico e literário. O Instagram foi inicialmente idealizado pelos engenheiros de software Michel Kierg e Kevin Systrom e consiste num aplicativo para dispositivos móveis com característica de rede social. Este aplicativo foi lançado para o público no dia 06 de outubro de 2010, inicialmente em dispositivos Apple iOS e posteriormente para dispositivos Android. Em 2012, o aplicativo alcançou cem milhões de usuários e segue atualmente como a terceira rede social mais utilizada pela população brasileira.

Inicialmente, a principal característica desta rede social foi o uso e compartilhamento de imagens por meio da fotografia extraída instantaneamente a partir do próprio aplicativo. No entanto, desde sua criação, o Instagram passou por uma série de atualizações que aprimoraram sua plataforma possibilitando maior interatividade e participação entre os seus usuários. Assim, além de permitir o compartilhamento e edição de fotos, foram criados outros suportes como a inserção de vídeos, chats e stories⁹.

Ao escolhermos a plataforma Instagram para desenvolvermos a criação midiática, tínhamos em mente que este ciberespaço é ocupado basicamente por jovens de 16 a 29 anos perfazendo um total de 69% dos usuários ativos. Conforme estatísticas do próprio Instagram, na medida em que a faixa etária vai aumentando, o número de usuários vão diminuindo. Outra característica a ser considerada, é a dinamicidade com que as informações são apropriadas por essa rede o que se constitui imediatamente num desafio para a integração do conhecimento científico nesse espaço sem perder sua contextualização e legitimidade.

Para tanto, nos apropriamos das ferramentas do Instagram para compor as verbo-visualidades sempre acompanhadas de paratextos que serviram como guia para o interlocutor para sua melhor compreensão dos conteúdos imagéticos que serão tratadas no próximo capítulo.

Buscamos neste trabalho, portanto, nos apropriar das novas mídias digitais e, de modo especial, do Instagram, refletindo sobre o processo de utilização, integração e

⁹ O suporte de vídeo permite ao usuário gravar vídeos de até 15 segundos. Além disso, outro recurso para inserção de mais de 15 segundos de vídeos já se encontra disponível. Trata-se do IGVT, um recurso dentro do próprio Instagram que permite aos usuários postarem e acompanharem vídeos mais longos do que o permitido até então. No ícone chat é possível conversar por bate-papo de vídeo com até seis pessoas usando mensagens diretas. Já o Stories, um dos recursos mais utilizados no Instagram pelos usuários, permite a publicação de fotos e vídeos rápidos, que podem ser editados, mas sem filtros, e podem ser visualizados por um período curto de tempo, pois saem do ar em 24 horas.

apropriação desta plataforma como suporte de integração do conhecimento científico e literário.

Nosso próximo passo será então a apresentação do percurso metodológico e, como, a partir deste, construímos a conta no Instagram amarrado aos constructos teóricos.

CAPÍTULO II

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O primeiro passo deste trabalho consistiu imediatamente num desafio para nós: a escolha de um romance. Sendo assim, nossa primeira reunião em grupo foi vencer esse desafio e, por empatia à obra de Jorge Amado escolhemos: *Gabriela, cravo e canela*. Inicialmente não sabíamos da potência discursiva deste obra que marcou épocas; de qualquer forma, era consenso entre nós o desejo de operar uma releitura deste romance sob uma perspectiva feminista. Restava-nos ainda escolher em qual mídia digital arquetaríamos nosso trabalho e, por sugestão do nosso orientador, parceiro generoso desta caminhada, optamos em revisitar *Gabriela, cravo e canela* sob uma perspectiva feminista interseccional por meio do Instagram.

A seguir, apresentamos o percurso metodológico que nos levou à construção deste trabalho em sua complexidade de relações literárias, teóricas e estéticas.

3.1 Construindo as narrativas teóricas e metodológicas

O próximo passo foi analisar como a obra amadina: *Gabriela, cravo e canela* já havia sido abordada dentro do contexto acadêmico e das mídias digitais.

Realizamos então uma exploração criteriosa nas ferramentas de busca Google e Scielo, com a finalidade de identificar trabalhos acadêmicos, (artigos, teses, dissertações e apresentações em congresso), que estudassem a obra em perspectiva semelhante. Para tanto, utilizamos o cruzamento dos seguintes termos de busca: Gabriela, cravo e canela/feminismo; Gabriela, cravo e canela/interseccionalidade; Gabriela, cravo e canela/mídias digitais; Literatura de Jorge Amado/feminismo/feminismo negro/interseccionalidade.

A seguir, apresentamos os principais trabalhos acadêmicos encontrados pela busca Google e Scielo que auxiliaram na composição do estado da arte do presente trabalho:

Quadro 1. Quadro geral de apresentação dos trabalhos sobre *Gabriela, cravo e canela* sob uma perspectiva crítica feminista.

Autor	Título da obra	Ano de publicação	Link
Laura Moutinho	Entre o realismo e o ficcional: representação sobre raça, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado. <i>(artigo)</i>	2004	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000200007
Renata Maria Souza do Nascimento	Revisitações à Gabriela: uma experiência de leitura da recepção crítica do romance <i>(dissertação)</i>	2005	https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11225/1/Renata%20Maria%20Souza%20do%20Nascimento.pdf
Sayonara Amaral de Oliveira	Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado <i>(artigo)</i>	2011	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/10202
Natália Eugênia Almeida de Souza	A reivindicação por emancipação em três personagens femininas em Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado. <i>(artigo)</i>	2013	http://desenredos.dominiote.mporario.com/doc/16-artigo-JorgeAmado-NataliaEugenia.pdf
Clarice Fortunado Araújo	Nem no cravo, nem da canela: o lugar da mulher mestiça e, Gabriela de Jorge Amado <i>(dissertação)</i>	2014	https://core.ac.uk/download/pdf/30404929.pdf
Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá	Gabriela, cravo e canela: possíveis leituras nos jardins do museu Rodin. <i>(artigo)</i>	2014	http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1495
Bruno Hatschebach; Aparecida Favoreto;	Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência as transgressões em Gabriela, cravo e canela. <i>(artigo)</i>	2017	http://www.iela.ufsc.br/rebela/revista/volume-7-numero-2-2017/rebela/revista/artigo/notas-preliminares-acerca-do-feminino-em
Ana Helena Cizotto Belinne	Representações do feminino. <i>(artigo)</i>	-	http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf
Priscila Cardoso Werner	Entre cravo e canela, a opressão e de Gabriela: a violência no corpo feminino como banalidade da dominação masculina. <i>(artigo)</i>	2017	http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499447262_ARQUIVO_Artigo-UFSCJorgeAmado-Gabriela07.07ultimo.pdf
Ana Patricia Cavalcanti Queiroz	O patriarcalismo em Gabriela, cravo e canela: o estilhaar do ritual ideológico radical. <i>(artigo)</i>	2017	http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/12688

Fonte: Pesquisa no site Google e Scielo

Como pode ser observado no (quadro 1), é a partir dos anos 2000 que a obra *Gabriela, cravo e canela* começa a despertar interesse acadêmico sob uma perspectiva crítica feminista.

No entanto, ainda que sob uma perspectiva feminista, nos trabalhos acima mencionados, não foi possível encontrar relatos de experiência ou propostas de produção midiática como proposta de releitura do romance, apontando a ausência no meio acadêmico da utilização das mídias digitais como novos modos de produção, processos de circulação e partilha do conhecimento científico.

Ainda sobre as mídias digitais, também realizamos busca em produções independentes e pessoais nas redes: Instagram, blogs e no Facebook, com a finalidade de identificar a negociação de sentidos do romance nesses espaços.

Na rede social Instagram, encontramos somente duas contas pessoais e privadas as quais, com base na descrição do perfil, nos pareceram serem inspiradas na obra de Jorge Amado. No entanto, não pudemos ter acesso ao conteúdo, em razão de até o momento de conclusão deste trabalho, não termos sido aceitas como seguidoras. Já com a tag¹⁰: #gabrielacravoecanela encontramos diversas marcas comerciais, especialmente anunciantes de serviços e produtos voltados para público feminino. Também encontramos diversos perfis que utilizam “*Gabriela, cravo e canela*” junto ao nome de usuário “Gabriela” como uma espécie de codinome, evidenciando a popularidade do romance e sua personificação nas identidades sociais da rede.

Também no Facebook, ao buscarmos por *Gabriela, cravo e canela* somos direcionados a uma nova janela que nos oferece uma série de marcas e produtos comerciais femininos, além de estar também relacionada ao anúncio de bares e restaurantes que levam o nome da personagem amadina. Já os blogs, em sua grande maioria, se dedicam a resenhar a história do romance, incrementando a página com as diversas capas e edições do livro, além de curiosidades sobre a obra e biografia de Jorge Amado.

Observamos que apesar do valor simbólico e popular conferido ao nome #gabrielacravoecanela nas redes, esta apropriação tem refletido outros sistemas de significação especialmente direcionadas ao consumo, apontando assim, uma ausência nos ciberespaços pesquisados de uma proposta de releitura crítica do romance.

¹⁰ Uma **tag**, ou em português **etiqueta**, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave.

Após as constatações mencionadas acima, o próximo passo foi então empreender uma leitura atenta do romance *Gabriela, cravo e canela* propriamente dito, observando especialmente como Jorge Amado constrói o papel social das mulheres em sua obra de ficção e, além disso, em que contextos específicos e lugares de fala situam-se as personagens no romance.

Paralelo à leitura do romance, realizamos leituras bibliográficas pelo olhar da perspectiva feminista e, na medida em que prosseguíamos com as leituras, fomos sendo levadas ao encontro inconteste com o feminismo negro que, por sua vez, nos levou ao conceito de lugar de fala e interseccionalidade e à curiosa invenção da mulata no Brasil.

Foi então, a partir das leituras bibliográficas e da recepção das diversas mídias digitais entrelaçadas a leitura do romance, que escolhemos revisitar *Gabriela* no Instagram de nome “REVISITANDO¹¹” a partir dos seguintes blocos temáticos: #Mulata; # Lugar de Fala e #Provocações, os quais serão revisitados e discutidos no último capítulo.

A seguir, apresentamos os primeiros passos da construção das verbo-visualidades e as principais ferramentas utilizadas na produção do Instagram como mídia digital privilegiada deste trabalho.

3.2 Construindo as verbo-visualidades no Instagram

Tornou-se um pressuposto que as redes digitais funcionam como espaços de interação social e, de modo especial, no Instagram, essa interação acontece primordialmente por meio de imagens e textualidades que vinculam narrativas impregnadas de valores éticos e estéticos (RAMOS; MARTINS, 2018). Sobre isso, nos apropriamos do conceito de verbo-visualidade desenvolvida por Brait (2013) a partir dos estudos do círculo bakhtiniano. Para esta autora, a verbo-visualidade consiste na produção de sentidos e efeitos de sentidos de um enunciado constitutivos da relação verbo-visual. Ou seja, a verbo-visualidade é definida pela articulação oral ou escrita e a imagem, em que juntos formam uma mesma materialidade. Além disso, esta materialidade verbo-visual pode ser produzida em diferentes esferas de circulação e funciona como construção de sentidos: lógicos, ideológicos, emocionais, estéticos ou de outra natureza. Portanto, carrega as marcas do signo constitutivo da relação social e socio-ideológica (BRAIT, 2013).

¹¹ <http://instagram.com/revisitando/>

Assim, para operarmos uma releitura do romance *Gabriela, cravo e canela* neste espaço digital com vistas às novas apropriações deste espaço pela comunidade científica, foi necessário alcançarmos uma certa familiaridade com as ferramentas utilizadas para sua construção, pois, estas se constituíram como contextos de produção muito importantes na edificação semântica das verbo-visualidades.

Para tanto, as imagens e as textualidades não estão dadas *a priori* no aplicativo Instagram e, por essa razão, foi necessário muita transpiração mais do que inspiração, parafraseando a máxima de Thomas Edson, para buscá-las responsabilmente na rede. A busca pela melhor imagem e sua editoração é ao mesmo tempo um trabalho moroso e envolvente e, somente depois desse processo é que o conteúdo imagético ganha sentido, ou seja, ao juntar-se ao conjunto estético em que se materializa as significações verbo-visuais em cada recorte, ou mesmo em cada micropostagem.

Graças aos avanços e ampliação de recursos para o sistema Android¹², nosso trabalho foi imensamente facilitado. Encontramos no Play Store¹³, a maioria dos aplicativos que nos auxiliaram na montagem das micropostagens, assim como na edição de imagens, áudios e vídeos. Deste modo, além das ferramentas disponíveis, utilizamos outros aplicativos que auxiliaram na construção da grande superfície de contato que consiste a plataforma do Instagram:

- Canva – aplicativo utilizado para edição de posts no Instagram;
- PicsArt – aplicativo utilizado para edição de imagens;
- Collage Maker – aplicativo utilizado para fotocolagens;
- Free music and vídeo download - aplicativo utilizado para baixar vídeos do Youtube;
- Video Editor – aplicativo utilizado para edição de vídeos;
- AZ screen recorder – aplicativo utilizado para gravar áudio e vídeo durante a navegação pelo Smartphone;
- Google imagem: ícone disponível na Website Google destinado a busca de imagens;
- Pinterest – aplicativo disponível na Website Google, trata-se de uma rede social de compartilhamento de fotos e imagens diversas;

¹² Android é um sistema operacional baseado no núcleo Linux e atualmente desenvolvido pela empresa de tecnologia Google

¹³ Google Play é um serviço de distribuição digital de aplicativos, jogos, filmes, programas de televisão, músicas e livros, desenvolvido e operado pela Google. Ela é a loja oficial de aplicativos para o sistema operacional Android, além de fornecer conteúdo digital.

- Os áudios/músicas que compuseram parte dos Stories, foram encontradas no próprio aplicativo do Instagram que possui esta ferramenta disponível;

A produção midiática foi realizada basicamente pelo celular Smartphone por meio dos aplicativos acima listados. É ainda válido ressaltar que concomitantemente à construção das micropostagens, estávamos mergulhadas num processo de conhecimento constante quanto à utilização das ferramentas digitais que escolhemos e, neste sentido, todo o processo se constituiu como um desafio permanente de aprendizagem.

A seguir, apresentamos a experiência que nos levou à construção do Instagram propriamente dito.

CAPÍTULO III

4. *GABRIELA CRAVO E CANELA* NO INSTAGRAM: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA INTERSECCIONAL

4.1 Criando uma conta no Instagram

O primeiro passo para a produção da mídia digital foi criar uma conta comercial no Instagram ao invés de uma conta pessoal. Embora a conta comercial tenha sido criada em 2016 pelo Instagram especialmente para atender as necessidades de venda e marketing, este tipo de conta possui vantagens e diferenças em relação a uma conta pessoal as quais consideramos importantes para este trabalho, especificamente pelo fato da conta comercial estar relacionada a maior visibilidade na rede social e pela possibilidade de mensuração dos seus resultados.

Assim, além da possibilidade de inserção de e-mail, telefone e endereço, opção bastante utilizada em perfis de venda, a conta comercial oferece outras vantagens como por exemplo:

- Mensuração: este ícone está localizado dentro das configurações do Instagram e auxilia na observação da métrica geral. Ou seja, além de podermos visualizar seguidores e curtidas, com essa ferramenta podemos também constatar a distribuição de gênero, idade e as principais localidades de acesso ao perfil.
- Impressões: este ícone diz respeito ao número de visualizações que os posts tiveram. Essa opção está disponível tanto para os posts como para os Stories.
- Alcance: Este ícone diz respeito ao número de contas únicas que viram as publicações, ou seja, o número de pessoas alcançadas. Essa métrica aparece para as publicações e para os Stories.
- Descoberta: Serve tanto para Stories como para posts. Esta opção é importante para ver a porcentagem de pessoas que não estavam seguindo o perfil e que foram alcançadas.
- Visitas ao perfil: Diz respeito ao número de vezes que o perfil foi visualizado pelas pessoas;

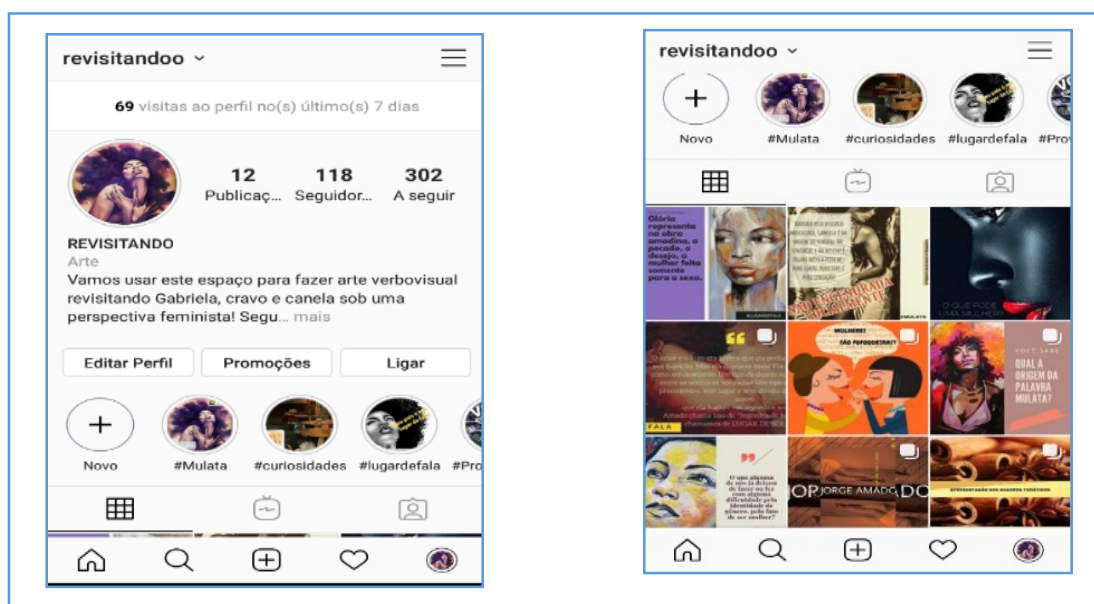
- Principais publicações: Diz respeito aos posts que tiveram mais impressões organizados numa lista decrescente;
- Envolvimento: é o número de vezes que as pessoas interagiram com sua publicação, curtindo, comentando ou salvando os posts;
- Salvos: diz respeito ao número de perfis que optaram em salvar a publicação;
- Visualizações de vídeo: como o próprio nome indica, diz respeito ao número de vezes em que o vídeo postado foi visto por pelo menos três segundos.

Também é possível visualizar a métrica especificamente dos Stories os quais identificam:

- Cliques no link: quantas vezes as pessoas clicaram no link de determinado Storie;
- Atalhos: quantas vezes as pessoas tocaram para voltar para a história anterior, avançar para a próxima ou deslizar para fora;
- Respostas: quantas pessoas ao verem o Storie enviaram uma mensagem;

Após criar a conta comercial, elegemos como nome de usuário: REVISITANDOO no sentido de “visitar de novo” a obra amadina sob uma perspectiva feminista no Instagram.

Fig. 1. Apresentação do Perfil geral do Instagram: REVISITANDOO



Fonte: <http://.instagram.com/revisitandoo/>

Após a criação da conta no Instagram começamos o processo de construção das verbo-visualidades e divulgação do Instagram REVISITANDO. A divulgação se deu por meio da ferramenta “busca” em que empreendemos uma busca aleatória por contas pessoais e comerciais. Também utilizamos a ferramenta “sugestões” de contas e usuários disponibilizadas no próprio aplicativo. Além disso, utilizamos os grupos de Whatsapp para divulgar e mobilizar a rede de participações e seguidores. Outro recurso utilizado foi o de seguir contas com propósitos semelhantes aos do Instagram REVISITANDO entre elas: #microcontando, #oficinasdearte_cic, #feminismo_amor, #feministas.br, #feminismo_negro, #pretararaoficial, #filosofia_e_literatura, #ativismonegro, #filoeliteratu etc. Também seguimos contas pessoais com características de representatividade feminista e interseccional entre estas: #pablovittar, #djamilaribeiro, #taisdeverdade (de Taís Araújo) etc.

Atualmente, o Instagram REVISITANDO conta com 112 seguidores e está seguindo 302 contas. É válido considerar, que a mídia criada, apesar de ser um protótipo para fins de trabalho final, já conta com boa interação e engajamento.

A seguir, descrevemos o segundo passo que orientou a criação das verbo-visualidades no Instagram: a escolha do conteúdo imagético, textual e áudio visual.

4.2 Construindo as verbo-visualidades

As escolhas imagéticas foram realizadas através da ferramenta Google imagens disponível na plataforma Google e através do aplicativo Pincrest para Android. Outros dois aplicativos para edição das imagens foram utilizados: PicsArt e CollageMaker além das ferramentas para edição de fotografias disponíveis no próprio Instagram.

A partir das leituras sobre a teoria feminista, especialmente sobre o feminismo negro de viés interseccional, utilizamos imagens de mulheres em sua grande maioria negras para compor os microposts. Além disso, optamos por imagens do tipo “retratos” em que realça-se principalmente a “face” e as características que identificam a mulher negra como: o tom da pele, o cabelo, a boca e expressões faciais e/ou corporais. Esta preferência tensiona com a construção histórico e cultural sobre a mulher, negra e mulata de corpo escultural e curvilíneo como geralmente são representadas as mulheres na literatura, nas marchinhas de carnaval e na mídia:

Fig.2 Exemplo de figuras Femininas utilizadas em posts no Instagram: REVISITANDO

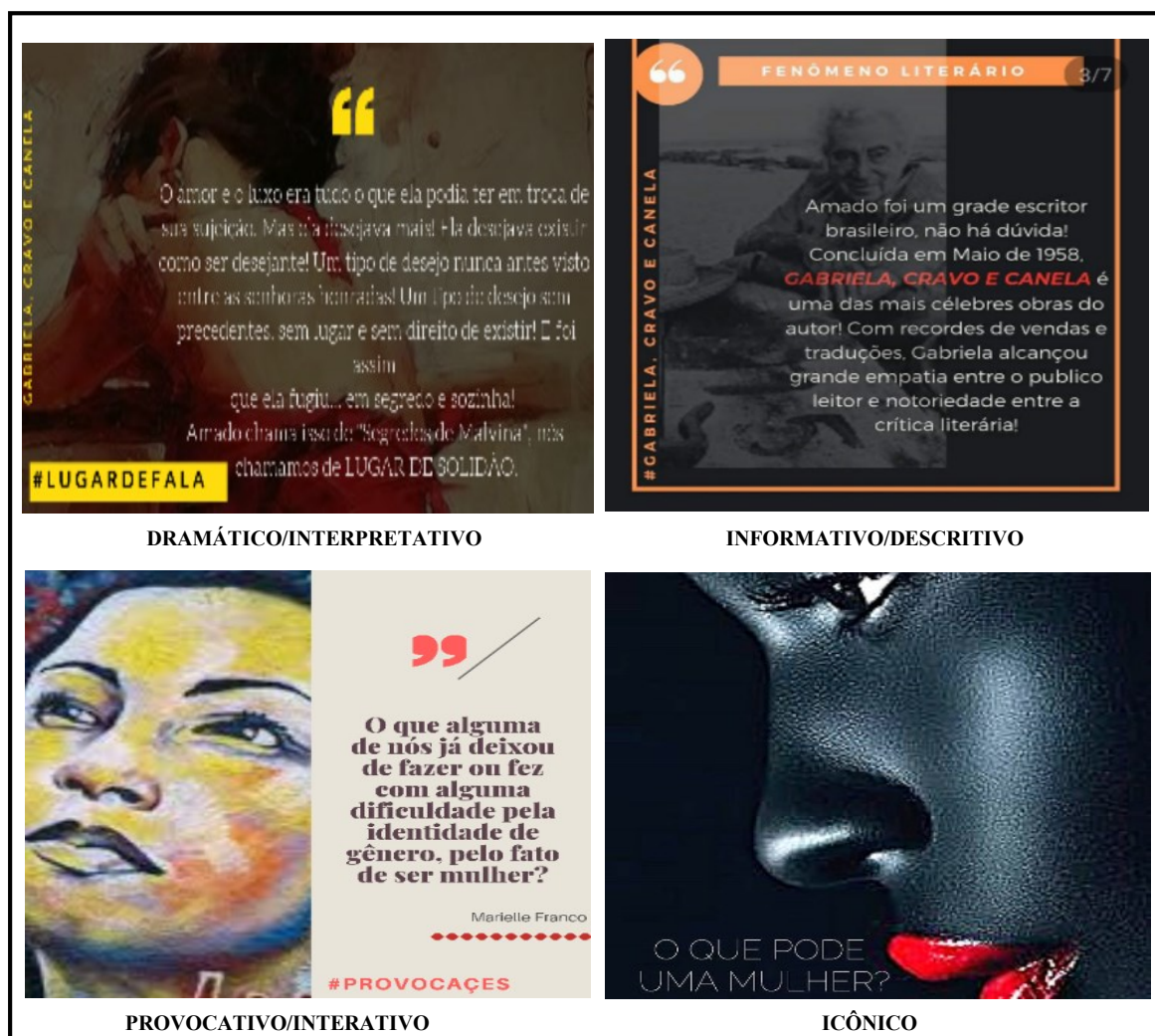


Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Ao realçarmos outros aspectos corporais e expressivos das mulheres nas imagens, ancoramos nosso olhar nas considerações de Brait (2013), quando ela nos fala dentro de uma perspectiva bakhtiniana que a imagem em sua materialidade é portadora do signo ideológico, entendendo o signo como alimento da consciência individual constituído socialmente na relação Eu-Outro. Dentro dessa perspectiva teórica, a imagem nunca é algo em si mesma mas engendra as relações semióticas de um determinado contexto social e cultural e, nesse sentido, responde e dialoga com seus interlocutores a partir de um contexto interrelacional de representações e embates sócio ideológicos.

Já a composição textual assumiu diferentes particularidades em cada micropostagem. Inicialmente, antes mesmo da publicação dos microposts, fizemos vários ensaios sobre a elaboração das verbo-visualidades, especialmente no que diz respeito ao seu acabamento estético e sobre a modalidade discursiva em que poderiam ser apresentadas. Inicialmente pensamos que a comunicação verbo-visual poderia se dar de forma atrativa, intuitiva e humorística o que nos aproximaria do grande público jovem do Instagram. No entanto, a teoria feminista nos levou a assumir um tom mais sério, dramático, irônico, icônico e outras vezes informativo e provocativo:

Fig. 3 Exemplos das modalidades discursivas utilizadas na criação das verbo-visualidades.



Fonte: <http://.instagram.com/revisitando/>

Brait (2013) define a verbo-visualidade como a articulação da imagem e do verbo, os quais, ao encontrarem-se formam uma mesma materialidade. Esta materialidade pode acontecer dentro ou fora da arte e, além disso, pode pender mais para o visual ou para o verbal, de qualquer forma, elas constituem um único plano de expressão, “numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada” (BRAIT, 2013, p. 50).

Assim, na construção dos microposts algumas vezes verbo e imagem constituíram uma mesma materialidade e, outras vezes, a imagem complementou a produção do texto dando-lhe força e potência de significação. Outra possibilidade de criação que podemos encontrar ainda é quando o verbo confirma e nega a imagem ao mesmo tempo, instaurando um conflito sócio ideológico na recepção desta materialidade pelo interlocutor. Este último

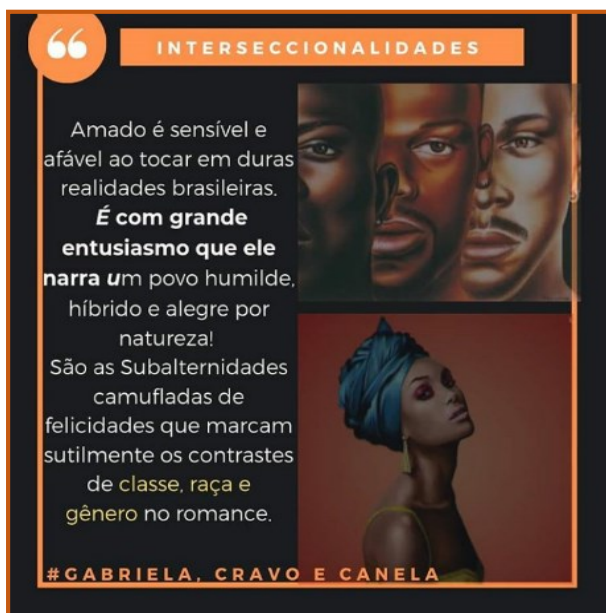
tipo de verbo-visualidade foi utilizada para problematizar uma questão central nos paratextos¹⁴ quando narrativas de diferentes ordens estão presentes na mesma materialidade verbo-visual. Alguns exemplos seguem abaixo

Fig. 4. Produção verbo-visual: quando Imagem e verbo constituem uma mesma materialidade



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Fig. 5 Produção verbo-visual: quando a imagem complementa o texto



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

¹⁴ No Instagram: REVISITANDO, os paratextos acompanham as micropostagens potencializando e/ou problematizando sua significação.

Fig. 6. Produção verbo-visual: quando o texto confirma e nega ao mesmo tempo o campo visual



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Além das publicações no perfil, também produzimos outras verbo-visualidades utilizando as ferramentas: “Stories” e “Destaques”. Basicamente, os Stories são recursos do Instagram que permitem aos usuários fazer posts informais de suas atividades diárias sendo que a publicação fica apenas 24 horas disponível para visualização. Já a ideia dos “Destaques” é permitir que as publicações dos Stories durem mais do que 24h e possam permanecer em álbuns separados das publicações gerais do perfil ao mesmo tempo em que acompanha-as e as complementa.

No Instagram REVISITANDO foram criados quatro álbuns principais, ou, destaques, os quais incorporaram gradativamente as publicações que foram feitas nos Stories, são eles: #Mulata; #Lugar de fala #Provocações #Curiosidades:

Fig. 7 Imagem de apresentação das ferramentas: Stories e Destaques.



Fonte: <http://.instagram.com/revisitando/>

Cada álbum engendrou textos, imagens, músicas e/ou vídeos como publicações complementares ao conjunto da produção midiática e de seus objetivos. As produções que compuseram os Stories e os Destaques serão melhor analisadas mais adiante.

Ainda outras características gerais compuseram as escolhas verbo-visuais de apresentação das micropostagens e dizem respeito ao:

- Uso das cores nos microposts: os microposts foram em sua grande maioria produzidos a partir de tonalidades diferentes de marrons, laranja, amarelo e cores neutras em referência ao cravo e a canela representativo no romance amadino e, também, relacionado à representatividade da cor da mulher “mestiça” e negra;
- O uso de tags: As *tags* funcionam como palavras-chave ou termos associados a uma informação ou determinado assunto e facilitam o acesso às imagens, ao perfil e ao conteúdo. As principais utilizadas foram: #revisitando; #gabrielacravoecanela; #feminismo #feminismosplurais; #feminismonegro; #interseccionalidades; #literaturabrasileira; #jorgeamado; Como pode ser

observado mais adiante na mensuração das verbo-visualidades, a conta REVISITANDO obteve diversas visitas ao perfil além de seguidores com base nas *tags* escolhidas.

- Configurações da Fonte: As configurações da fonte dizem respeito ao seu tipo, tamanho e cor. Cada micropostagem exigiu configurações diferentes de fontes e nesse sentido, não foi utilizada uma configuração padrão.

A seguir, apresentamos as micropostagens as quais efetivaram os objetivos do presente trabalho.

4.3 Apresentação geral do Instagram: REVISITANDO

A primeira publicação consistiu num micropost do tipo “álbum” composto por quatro micropostagens ou foto-imagens:

Fig. 8. Post de apresentação do Instagram: REVISITANDO



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

O objetivo desse micropost, especialmente nos posts 1 e 2, é o de chamar atenção para a releitura do romance *Gabriela, cravo e canela* e para as narrativas teóricas feministas que compuseram a releitura do romance. Ainda no primeiro post, podemos observar que a imagem correspondente ao romance é o cravo e a canela e não a Mulata de atributos corpóreos sexualizados como geralmente é representada. Já as micropostagens 3 e 4, chamam atenção do interlocutor para a atualidade da obra e para a perspectiva política e feminista que o Instagram REVISITANDO irá assumir.

Nos paratextos iniciamos com uma pergunta: “Vamos visitar *Gabriela, cravo e canela* sob uma perspectiva feminista? Em seguida, elaboramos uma nova pergunta: “Mas, o que é feminismo?” Segue o paratexto que acompanha a publicação de apresentação:

“Resumidamente, o feminismo se caracteriza como um MOVIMENTO PLURAL e político que pressupõe a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. Este movimento se desenvolveu especialmente nos anos de 1960 como narrativa e crítica social às estruturas patriarcais, masculinas, brancas e eurocristãs produtoras de desigualdades de raça e gênero...

Pelo tom de reprodução da ordem social vigente coronelista e patriarcalista, o romance amadino já foi revisitado muitas vezes na academia por intelectuais feministas a partir de releituras de textos. Nós também vamos visitar o romance sob essa perspectiva empreendendo uma releitura verbo-visual” vem conosco!

Esta publicação obteve 20 curtidas, sete comentários elogiosos (de mulheres), 4 visitas ao perfil e 150 alcances, sendo que destas 150 contas alcançadas 64% não estavam a seguir o perfil REVISITANDO. Outras mensurações foram possíveis de serem visualizadas:

- Impressões ou número de visitas à postagem: 261
- Com origem na página inicial: 117;
- De hashtags: 88
- Com origem no perfil: 36

- Com outras origens: 20

4.3.1 Características da Obra: Por que ler *Gabriela*?

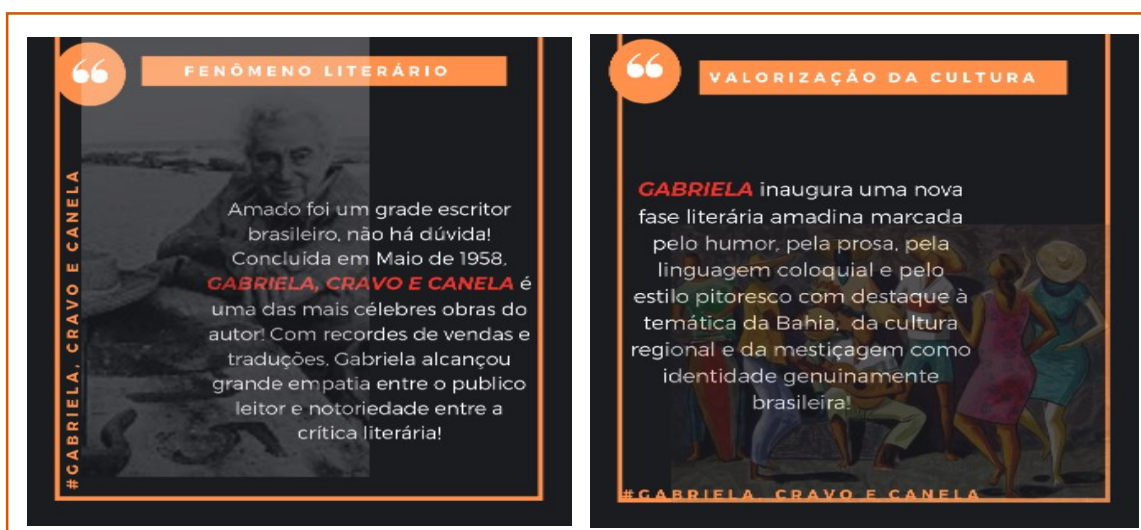
Esta micropostagem, também do tipo “álbum”, composta por sete foto-imagens verbo-visuais, teve como finalidade levantar características gerais da obra com base nos objetivos deste trabalho além de suscitar a curiosidade do interlocutor para a leitura do romance *Gabriela, cravo e canela*.

Fig. 9 Post de apresentação da Obra: Por que ler *Gabriela, cravo e canela*?



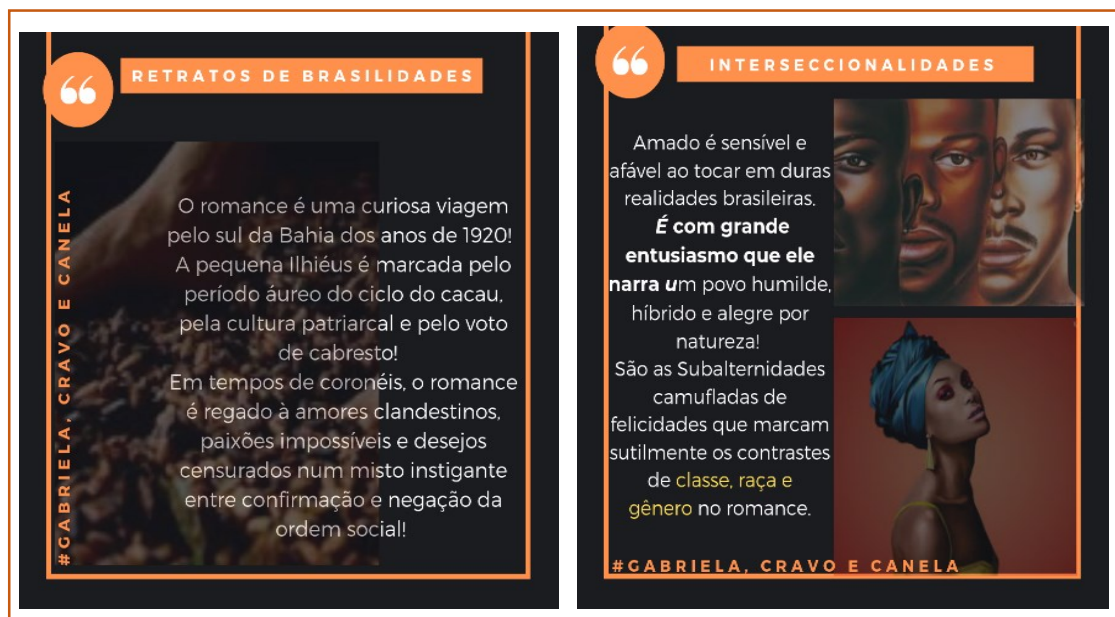
Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Fig. 9.1 Post de apresentação da Obra: Popularidade da obra e valorização da cultura



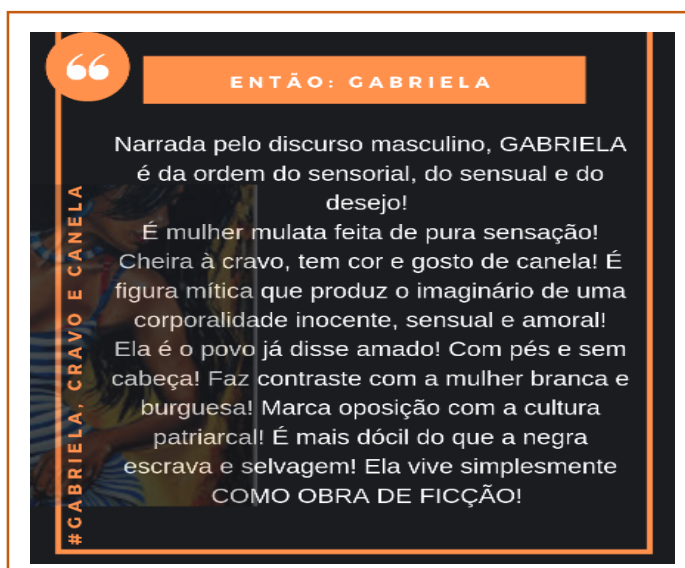
Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Fig. 9.2 Post de apresentação da Obra: características do contexto histórico e cultural presentes no romance



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Fig. 9.3 Post de apresentação da Obra: Releitura interpretativa da personagem Gabriela



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Esta foi a única publicação no modelo “álbum” contendo sete micropostagens, portanto, a mais longa, mais densa de conteúdo assim como a mais árdua para concluir seu acabamento estético e verbo-visual.

O objetivo desta micropostagem foi o de suscitar a importância do romance *Gabriela, cravo e canela* dentro do contexto literário em que a obra é retrata e escrita,

chamando atenção para aspectos relevantes da obra como sua popularidade e contexto histórico e cultural de circulação e produção. Além disso, para finalizar, a última foto-imagem apresenta a personagem principal *Gabriela* a partir da interpretação que entrelaça diferentes vozes para a composição verbo-visual: a da ficção, do autor e do viés feminista interseccional.

O paratexto que acompanhou o micropost de apresentação também foi relativamente longo, aspecto não muito interessante considerando a característica dinâmica da rede social. No entanto, nos pareceu inicialmente necessário para aprofundar as questões levantadas nas verbo-visualidades:

Concluída em Petrópolis em maior de 1958, Gabriela chega à centésima edição no Brasil em 2012, tendo sido traduzida em mais de 31 línguas além de receber notadamente prêmios importantes como: Prêmio Machado de Assis e prêmio Jabuti. O romance ainda recebeu adaptações para a televisão, cinema, dança, fotonovela, histórias em quadrinho e literatura de cordel, estendendo sua empatia e popularidade à outros espaços de circulação.

Inspirada na segunda geração modernista, Gabriela marca uma nova fase literária amadina que busca inspiração nos novos valores modernos para retratar as brasilidades inter-raciais da cultura e do povo baiano – narrada com muita prosa e humor!

Pode-se dizer ainda que a trama do romance se desenvolve a partir de dois grandes eixos temáticos e problemáticos: um deles diz respeito ao contexto político e econômico, espaço público e masculino, lugar em que “tradição” e progresso entrecruzam-se e travam acirradas disputas. O outro, emerge no plano ético e cultural, marcando lugares de fala, condições e poderes desiguais de classe, raça e gênero.

Em meio a voz única e soberana do patriarcalismo, se desenrolam os principais dramas da vida privada, pessoal e

amorosa dos personagens entre eles: o romance de Nacib e Gabriela. Notadamente, nesta trama também emergem figuras femininas cujas nuances de desejos desconcertam o *continnum* da ordem social vigente e também a cabeça do leitor!

Há quem diga que Amado cria figuras femininas subversivas, donas do seu próprio desejo, gérmens dos sopros do feministas! Por outro lado, há quem diga que Amado reproduz a mulher brasileira, especialmente mulata, como objeto de sedução, feita para ser apreciada e consumida como o cravo e a canela! Será afinal que essas duas visões são complementares, excludentes ou apenas coexistem no romance? Descobrir isso, talvez seja um bom motivo para ler Gabriela, cravo e canela!

Esta publicação teve 11 curtidas, nenhum comentário e uma visita ao perfil. Alcançou 117 contas e, dentre estas, 45% não estavam a seguir o Instagram REVISITANDOO. Pudemos acompanhar ainda outras mensurações:

- Impressões ou número de visitas à postagem: 196;
- Com origem na página inicial: 108;
- De hashtags: 56
- Com origem no perfil: 14
- Com outras origens 18

Pode-se observar nesta publicação uma diminuição da interação do público em relação à publicação anterior, bem como em relação às publicações posteriores. Sobre isso levantamos algumas hipóteses: Porque o Instagram REVISITANDOO é pouco conhecido e possui poucos seguidores ligados à literatura e, ainda, o que consideramos mais provável, por ser uma publicação extensa e densa de conteúdo para angariar apreciação comum na rede. De qualquer forma, deixamos essa inquietação como possibilidade de novas pesquisas com a finalidade de aprofundar os estudos sobre esse aspecto que nos pareceu desafiador e emblemático.

4.3.2 Apresentação dos blocos temáticos no Instagram

A terceira publicação consistiu na apresentação dos blocos temáticos (em quatro foto postagens), os quais foram escolhidos a partir da inter-relação entre as leituras teóricas e a leitura do romance *Gabriela, cravo e canela*: #MULATA #LUGAR DE FALA e #PROVOCAÇÕES:

Fig. 10 Apresentação dos blocos temáticos



Fonte: <http://.instagram.com/revisitando/>

O paratexto que acompanha a apresentação descreve cada bloco temático orientando como o interlocutor vai poder acompanhar as micropostagens. Ou seja, cada micropostagem será identificada com uma tag que especifica: Mulata, Lugar de fala ou Provoações referentes aos objetivos de cada bloco temático:

#MULATA

Neste bloco vamos marcar a classificação racial de Gabriela, personagem principal e representante legítima de todas as outras mulheres/mulatas no romance. Avisamos que o nosso compromisso aqui não é reproduzir as mulatas amadinas, mas tensionar identidades raciais, desconstruindo este lugar definido das mulatas na obra de ficção e no pensamento corrente brasileiro: o da objetificação da mulata como exótica, exuberante, sensual, cheirosa e gostosa! ALIÁS, ISSO NÃO É UMA MULATA!

#LUGARDEFALA

Quem tem direito à voz? Você já parou para pensar sobre isso? Vamos construir esse bloco com base no pensamento de #djamilaribeiro retratado em seu livro: Lugar de Fala da coleção Feminismos Plurais. Lugar de fala é um conceito que parte do pressuposto de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas, considerando as condições sociais que autorizam ou não determinados grupos a acessarem lugares de cidadania (RIBEIRO, 2017). Assim, vamos juntas analisar as estruturas sociais que permite ou silenciam a voz e o lugar de fala das mulheres no romance!

#PROVOCAÇÕES

Se você já leu *Gabriela* você já deve ter sentido o estilo envolvente de Jorge Amado! Além disso, você já deve ter se identificado com algum personagem ali retratado! Somos empáticos ao romance não somente porque é uma boa obra de ficção, mas porque de alguma forma nos vemos ali representados. Os tipos sociais “inventados” por Amado tocam nossas existências num misto de ficção e realidade. O mais interessante é saber que essa obra foi escrita no calor dos anos de 1958 retratando uma realidade dos anos de 1920! Não te parece estranho que ainda nos identificamos com aquelas personagens femininas? Em #provocações nós vamos acirrar

esse estranhamento ou mesmo, esse estranho que nos parece tão familiar!

Essa micropostagem recebeu 17 curtidas, 3 comentários (de mulheres), 3 visitas ao perfil e 136 alcances, sendo que destas 136 contas alcançadas, 55% não estavam a seguir o perfil REVISITANDO. Outras mensurações foram registradas:

- Impressões ou número de visitas à postagem: 240
- Com origem na página inicial: 125;
- De hashtags: 83
- Com origem no perfil: 14
- Com outras origens: 18

Entre os comentários obtivemos a participação de uma seguidora do Instagram REVISITANDO que escreve: “A análise se encaixa perfeitamente, ainda, nos dias atuais”. A mesma seguidora ainda publica “A mulher brasileira alcançou, em um século, patamares de poder e participação na sociedade antes inimagináveis. Muitas conquistas foram obtidas pelas brasileiras, notadamente a partir da constituição de 1988”.

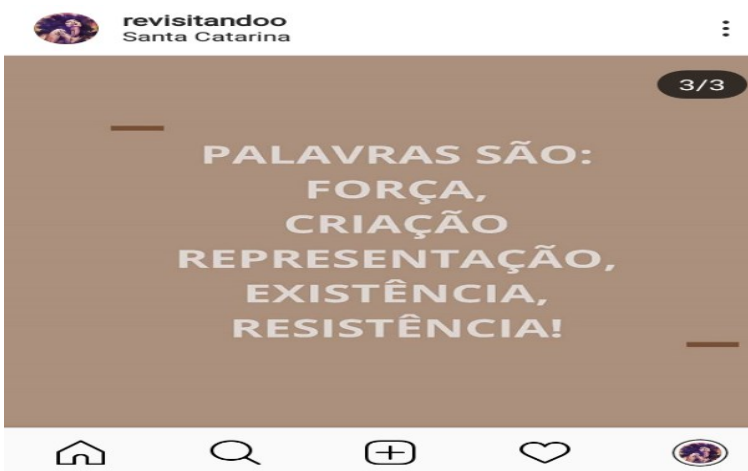
Estas primeiras interações do público com as postagens foram nos mostrando aos poucos que o nosso público alvo seria predominantemente feminino.

4.3.2.1 #Mulata

Vale a pena lembrar que nesse bloco nosso objetivo não é o de reproduzir as mulheres mulatas no romance amadino mas tensionar identidades raciais, desconstruindo este lugar definido das mulatas na obra de ficção e no pensamento corrente brasileiro a saber: o da objetificação das mulheres negras como exóticas, exuberantes, sensuais, cheirosas e gostosas! Aliás, isso não é uma mulher!

Para abrir esse bloco temático, procuramos resgatar a origem etimológica da palavra Mulata a partir de ambientes comumente encontrados na rede digital Google:

Fig. 11. Origem etimológica da palavra MULATA



Fonte: <http://instagram.com/revisitandoo/>

Esta publicação é composta por três foto-imagens e tem como finalidade suscitar a curiosidade no interlocutor sobre a origem da palavra MULATA, termo este tão presente no romance amadino para referir-se às mulheres mestiças e da raça negra. A micropostagem conta com três forças de apresentação verbo-visual. Na primeira foto-imagem, destaca-se imagem e texto que apresentam de forma interrogativa uma mesma materialidade: “Você sabe o que é uma Mulata?”. Na segunda foto-imagem procuramos mostrar recortes de páginas da internet que apresentam pelo menos duas origens da palavra Mulata,¹⁵ transmitindo a ideia de que pode ser facilmente encontrado nas redes digitais. E, por fim, temos a terceira foto-imagem a qual potencializa as duas foto-imagens anteriores e traz uma nova perspectiva sobre como as palavras são processos de construção, engendram poder e potência de representatividade em seu polo negativo ou positivo.

Segue o paratexto que acompanha a publicação:

#MULATA, você já ouviu falar?

Por analogia a origem etimológica, o termo MULATA está relacionado a um tipo social mestiço que na sua origem é fruto de relações abusivas, sexuais e interraciais entre o branco/europeu e mulheres negras/escravizadas e marcam o período colonial e escravocrata no Brasil. No romance amadino *Gabriela, cravo e canela* a Mulata é vista, porém, em sua positividade: como símbolo da mulher brasileira, síntese da identidade nacional, híbrida e como possibilidade “suposta” de integração racial. No entanto, alguns movimentos negros no Brasil em que participam intelectuais do #feminismonegro, têm questionado o termo “Mulata”, optando mesmo pela sua não utilização, tanto por sua carga semântica pejorativa em referência à etimologia da palavra, quanto por sua conotação racista relacionada à tentativa de embranquecimento racial. Há um sentido historicamente esquecido na palavra Mulata:

¹⁵ A primeira explicação, a mais difundida e considerada pejorativa, nos fala que “Mulata” vem da palavra MULA, um animal híbrido fruto do cruzamento do jumento com a égua, termo cunhado no período colonial do Brasil. A segunda explicação nos fala que Mulata vem do termo árabe “muwallad” que quer dizer: mestiço de árabe com não árabe.

a negação da mulher negra e o preconceito e machismo da sociedade da época em que o termo foi cunhado.

Para saber mais, indicamos o artigo de Liliam Ramos da Silva: Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. (2018).

Esta foi uma das publicações mais relevantes da conta REVISITANDO. Esta publicação alcançou 27 curtidas, 14 envios de mensagens (quando um usuário envia para outro usuário a publicação) e 4 indicações de que a publicação foi guardada pelos usuários¹⁶. Ainda obteve-se 1 visita ao perfil a partir dessa publicação e 270 alcances, destes, 75% não estavam a seguir o Instagram REVISITANDO. Obteve-se ainda:

- Impressões ou número de visitas à postagem: 404;
- De hashtags: 238
- Com origem na página inicial: 125
- Com origem no perfil: 10
- Com outras origens 31

Ainda neste bloco temático empreendemos outra apresentação e, desta vez, utilizamos a personagem Gabriela numa sobreposição de imagem e textos os quais, juntos, interpelam as narrativas que constroem o corpo da mulher negra como pura sensação e puro sexo:

¹⁶ Esta ferramenta é utilizada quando um usuário considera a publicação relevante e deseja guardá-la junto aos seus arquivos pessoais da conta.

Fig. 12. Invenção da “Mulata” como corporeidade não engendrada socialmente.



Fonte: <http://instagram.com/revisitandoo/>

Esta foi a única publicação que utilizou uma imagem com efeito escurecido e ofuscado com ênfase na sensualidade para compor pelo menos duas narrativas de conflito. A primeira narrativa, em quadro branco, acompanha a imagem e descreve Gabriela, representante legítima de todas as outras mulheres mestiças, como feita de pura sensação, puro corpo e puro sexo. Já a segunda narrativa, escrita em vermelho como uma espécie de carimbo, instaura um conflito sócio ideológico ao denunciar sua não constituição no tecido social como mulher fora dessa corporalidade.

Segue o paratexto que acompanha a foto-imagem:

#MULATA: UMA CORPORALIDADE NÃO ENGENDRADA SOCIALMENTE NO ROMANCE.

QUE OUTRAS NARRATIVAS PODEMOS PENSAR PARA REPRESENTAR GABRIELA COMO MULHER PARA ALÉM DE SUA CORPORALIDADE?

ISSO PORQUE, a personagem Gabriela, mulher, mulata e da classe popular é identificada no romance como objeto social e sexual feita de uma corporalidade inocente e amoral. Seu cheiro e sua cor lembram o cravo e a canela subordinando sua representação às sensações ligadas ao sensorial e ao instinto –

porque tudo nela é apenas graça, sensualidade e desejo. Apesar de ser uma figura mítica, Gabriela ultrapassa a ficção e legitima o imaginário sobre a mulata no Brasil: como puro corpo e puro sexo NÃO ENGENDRADO SOCIALMENTE. Ou seja, um corpo que não encontra outro lugar de existir no mundo senão através de sua erotização fetichizada pelo olhar masculino, pelas mídias sociais e digitais, pelas marchinhas de carnaval e, neste caso, também pela literatura brasileira, Insistimos em dizer: ISSO NÃO É UMA MULHER! E você o que acha?

Esta publicação obteve 15 curtidas, um comentário (feminino) e 81 contas alcançadas, sendo que destas, 4% não estavam a seguir o Instagram REVISITANDO. Obteve-se ainda:

- Impressões ou números de visitas à postagem: 134
- Com origem na página inicial: 125
- De hashtags: 2
- Com outras origens: 7

4.3.2.2 # Lugar de Fala

É válido lembrar que Lugar de fala é um conceito que parte do pressuposto de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas, considerando as condições sociais que autorizam ou não determinados grupos a acessarem lugares de cidadania (RIBEIRO, 2017).

No romance amadino os lugares em que falam as mulheres são socialmente desiguais com base no gênero, classe social e cor e, por isso dizemos que Amado reproduz no romance a ordem social vigente coronelista, patriarcalista e machista de sua época. Enquanto mulheres e filhas dos donos de coronéis eram educadas para constituir casamento e cuidar da família recebendo mínimas instruções de estudo, para as mulheres da classe popular geralmente retratadas nas figuras de mulheres negras e mulatas, restava a luta pela sobrevivência trabalhando como cozinheiras, empregadas domésticas ou prostitutas. Além disso, enquanto as primeiras já nasciam com a honra e deviam preservá-la, as últimas (negras, mulatas e prostitutas) precisavam conquistá-la, porque seu lugar é visto como

desordem e desonra social. Se o romance nos leva a acompanhar de forma envolvente o drama pessoal das personagens em relação ao outro patriarcal, de forma imperceptível o romance deixa de problematizar o estatuto simbólico em que são relegadas essas mulheres umas em relação as outras e em relação à estrutura social que as silencia.

Neste sentido, apresentamos a personagem “Malvina” em duas foto-imagens para inaugurar Lugar de fala como um lugar de solidão das mulheres brancas no romance.

Fig. 13. Lugar de Fala: um lugar de solidão



Fonte: <http://instagram.com/revisitandoo/>

A primeira foto-imagem busca representar a expressão de desamparo de uma jovem burguesa diante de seu desejo arrebatador de ir além dos padrões sociais esperados para sua classe social e gênero. No romance a jovem encontra na fuga a única possibilidade de dar

sentido e continuidade à sua existência. No entanto, apesar de ser uma personagem que transgride os padrões de comportamento esperados para jovens como ela, não há representatividade no romance que indique uma potência desse ato pois, ela fala sozinha de um lugar de abandono, desamparo e solidão.

O paratexto que acompanha a publicação não deixa de fazer um elogio a essa personagem perpassando pelas duas narrativas: a de que Malvina fala de um lugar de potência ao mesmo tempo em que esse lugar é contextualizado como uma unidade psicológica individual de solidão:

Você conhece Malvina? se não conhece, você vai adorar conhecê-la!

Impossível ser indiferente a ela. Além de Gabriela, Malvina é uma das personagens mais comentadas e adoradas no romance Gabriela, cravo e canela. Mas quem é ela? Ela é mulher, branca, filha de coronel, alfabetizada, de costume burguês, nascida para casar e constituir família.

E o que ela tem de especial?

Ela é vista como uma anti-heroína, corajosa o suficiente para não se submeter à instituição do casamento. Ela abandona sua vida de pompas e honrarias, deixa sua família e sua cidade e foge sozinha, na surdina e, dela, nunca mais se teve notícias! Dizem as línguas fofoqueiras da cidade que ela foi estudar e trabalhar em São Paulo Capital. Mas ninguém nunca soube ao certo do seu paradeiro!

Malvina é homenageada no romance com um capítulo do livro intitulado: “Segredos de Malvina” mas nós acrescentamos que esse lugar da anti-heroína é também um lugar de solidão. O drama pessoal de Malvina que culmina com sua fuga é do começo ao final um enredo solitário. Por outro lado, a solidão é um tipo de lugar que a personagem

escolhe para não pagar o preço de seu aniquilamento como sujeito desejante.

Esta publicação teve 14 curtidas, nenhum comentário, e 118 contas alcançadas, sendo que destas, 45% não estavam a seguir o Instagram REVISITANDO. Obteve-se ainda:

- Impressões ou números de visitas à postagem: 207
- Com origem na página inicial: 124
- De hashtags: 54
- Com origem no perfil: 4
- Com outras origens: 25

4.3.2.3 #Provocações

A ideia principal do bloco temático #Provocações é, como dito anteriormente, acirrar o estranho familiar dentro de nós que ultrapassa a obra de ficção e nos soa tão presente ainda hoje. A micropostagem que inaugura esse bloco temático parte de uma frase proferida por Marielle Franco e talvez pela atualidade do tema e desta figura tão representativa do feminismo negro no Brasil, esta micropostagem foi a mais bem recebida pelo público do Instagram REVISITANDO.

Fig. 14 Provocações: Marielle Franco



Fonte: <http://instagram.com/revisitandoo/>

A publicação que traz o rosto de Marielle Franco como imagem foi a publicação que mais teve alcances em contas, curtidas e visualizações. Esta verbo-visualidade teve como objetivo provocar o interlocutor para a atualidade do debate sobre a identidade de gênero e de tantos outros sentidos que a imagem de Marielle possa provocar. Por exemplo, podemos pensar sobre as barreiras sociais que impedem as mulheres de acessarem espaços de cidadania predominantemente masculino, como a política no caso de Marielle.

O paratexto segue com uma pergunta:

E você conhece alguém que já deixou de fazer alguma coisa pelo fato de ser mulher? Que roupa deixou de usar? Que lugar e deixou de frequentar? Que pensamento deixou de expressar? Que palavra não pôde dizer?

No romance *Gabriela, cravo e canela*, as mulheres eram proibidas de fazer muitas coisas pelo único fato de serem mulheres e eram austeramente censuradas pela sociedade quando questionavam esses valores. O espaço reservado para elas era o ambiente familiar e doméstico e, no máximo, a Igreja como um dos únicos espaços sociais possíveis de acesso fora do espaço privado. Em #provocações de hoje trazemos uma frase proferida por Marielle Franco, vereadora do RJ, assassinada em 14 de Março de 2018. Marielle era vereadora, negra, lésbica, moradora da favela e ativista feminista. A pergunta que ela nos faz em um dos seus discursos para o dia da mulher parece reatualizar questões que permeiam algumas das personagens amadinas no romance. Você já parou para pensar como as narrativas da sociedade atual definem a mulher?

Esta publicação obteve 37 curtidas, uma interação (de uma conta comercial de loja de roupa feminina), dois envios (quando um usuário envia a publicação para outro usuário). A micropostagem ainda ganhou três visitas ao perfil, um novo seguidor e teve 471 contas alcançadas, sendo que destas, 87% não estavam a seguir o Instagram REVISITANDO. A publicação ainda obteve:

- Impressões ou número de visitas à publicação: 622;

- De hashtags: 478;
- Com origem na página inicial: 101;
- Com origem no perfil: 15;
- Com outras origens: 28.

4.4 Stories e Destaques

Os Stories e os destaques foram construídos a partir dos blocos temáticos que nortearam a própria construção do Instagram REVISITANDO: #Mulata, #Lugar de Fala e #Provocações. Além desses temas, também foi criado um outro espaço para #Curiosidades.

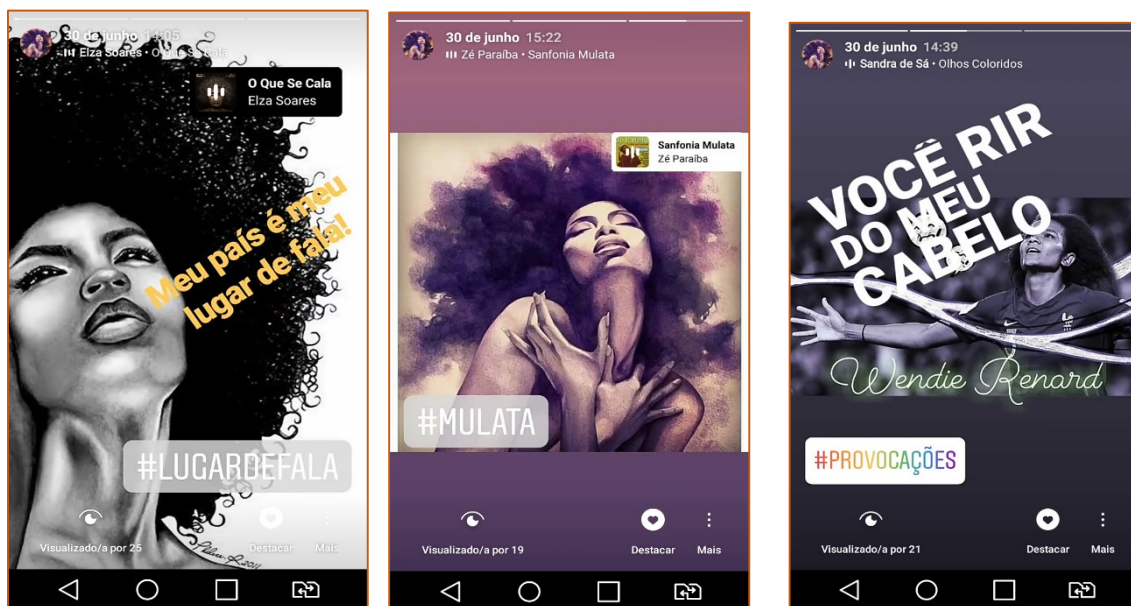
Fig. 15 Apresentação dos Destaques



Fonte: <http://.instagram.com/revisitando/>

As ferramentas Stories e Destaques, foram arquitetadas a partir de recortes de vídeos, foto-imagens e textos para compor a dinâmica de apresentação e complementar os grandes eixos temáticos que nortearam a criação midiática, sendo eles:

Fig. 16 Publicações principais dos destaques



Fonte: <http://instagram.com/revisitando/>

Para compor a capa de apresentação de #Lugar de fala (fig. 16), utilizamos a imagem de uma mulher negra acompanhada de um trecho da música da cantora negra Elza Soares: O que se cala. Elza não está ligada diretamente ao movimento feminista negro, no entanto, seus álbuns os quais retratam sua luta e sua história como mulher perpassam suas letras de músicas e engendram um lugar histórico de luta com base em seu gênero e sua cor.¹⁷

Ainda dentro desse bloco temático, foram inseridos pequenos vídeos, dentre os quais, destaca-se uma fala de Djamila Ribeiro no TEDx São Paulo¹⁸ com o tema: “Precisamos romper com os silêncios”. Ao inserir este recorte de um minuto nos Stories, o próprio Instagram divide a apresentação em quatro pequenas micropostagens audiovisuais de 15 segundos. No entanto, apesar da relevância do conteúdo audiovisual em sua integridade, observou-se nesta assim como em outras postagens, que os usuários não assistem todos os recortes audiovisuais e vão se retirando na medida em que o vídeo avança. Perfazendo uma média de perda de 4 usuários do primeiro ao último post. Essa percepção nos leva a compreensão de que os Stories e os Destaques devem possuir uma dinâmica de apresentação a qual não dure mais do que 30 segundos sob pena do usuário não acompanhar a publicação até o final e perder a integridade da apresentação.

¹⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Elza_Soares

¹⁸TED é uma organização sem fins lucrativos com o espírito de promover ideias que merecem ser espalhadas. TED começou com uma conferência de quatro dias na Califórnia há 30 anos e cresceu para apoiar ideias que mudam o mundo por meio de iniciativas diversas: https://www.sympla.com.br/tedxsaopaulo-24-de-outubro-2018_370588

Já nos destaques sobre a #mulata (fig. 16), tivemos dificuldades para encontrar uma música que não reproduzisse os estereótipos da mulata no Brasil. Sobre isso, observamos que várias marchinhas de carnaval são alvo de críticas por parte do movimento de intelectuais negras. Entre as marchinhas mais conhecidas e criticadas destacam-se: Mulata Bossa Nova, o Teu Cabelo Não nega entre outras. Neste sentido, escolhemos apenas o som da gaita no ritmo do forró (representativo da música popular nordestina), produzido por Ze Paraíba, para acompanhar a verbo-visualidade que também é foto-imagem do perfil.

Também nos Stories e Destaques inserimos uma fala de Nátaly Neri do TEDxSãoPaulo sobre a desconstrução da Mulata no Brasil. Nátaly de 22 anos, cursando Ciências Sociais na Unifesp, é youtuber do canal “Afro e Afins” e é considerada atualmente uma *digital influencer* no desenvolvimento do seu trabalho voltado especialmente para jovens sobre feminismo e negritude. Nesta publicação foram inseridos dois vídeos de um minuto cada. E, assim como observamos anteriormente sobre publicações longas nos Stories e Destaques, neste vídeo ouve uma perda de 19 usuários ao longo dos dois minutos de apresentação audiovisual.

Já em #provocações (fig. 16), a foto-imagem traz intencionalmente a consagrada jogadora de futebol francesa Wendie Renard ao som da música “Olhos coloridos” de Sandra de Sá. Wendie Renard é zagueira e uma das melhores jogadoras da seleção feminina de futebol da França. Wendie é conhecida pela qualidade técnica, por sua performance aérea e por ter sido seis vezes campeã da Champions League. Ela também é a terceira jogadora mais bem paga do mundo. Além disso, já participou de três filmes oficiais da FIFA: dois sobre as Copas do Mundo de 2011 e 2015 e um sobre o futebol feminino no geral. No entanto, depois da derrota do Brasil contra a França na última copa deste ano de 2019, a jogadora foi vítima de racismo por parte de internautas brasileiros nas redes sociais, os quais atacaram duramente a jogadora chamando-a de “pixaim”, “prisoneira” e “cabelo duro”. Esta publicação chama atenção, no Instagram REVISITANDO, para a atualidade do debate sobre racismo no país. Além disso, podemos pensar sobre outros efeitos de sentido, especialmente porque o lugar de criação do Instagram REVISITANDO localiza-se no sul do país, em que notadamente 76% da população se declara branca, construindo uma falsa ideia de que os negros por aqui são passageiros e visitantes.

Além desses três grandes eixos temáticos, inserimos o Destaque: “Curiosidades” em que procuramos inserir curiosidades sobre o romance *Gabriela, cravo e canela*, sobre o autor entre outros assuntos pertinentes à literatura de Jorge Amado como: Apresentação do

musical Gabriela no teatro CETIP em São Paulo em 2016¹⁹; Entrevista com Jorge Amado em 1984²⁰ falando sobre política, religiosidade e literatura; Entrevista com Joselia Aguiar sobre a biografia de Jorge Amado²¹;

Ainda sobre a métrica geral de interatividade com o público, algumas informações que são fornecidas pela conta comercial parecem relevantes para conhecer o público-alvo entre outras características como: principais localizações de acesso, faixa etária, gênero, dias e horários de acesso.

As cidades que interagiram com o perfil REVISITANDO foram:

- Anita Garibaldi: 13%
- Celso Ramos: 13%
- Lages: 10%
- Florianópolis: 5%
- São José: 4%

No quesito gênero, 71% do público que interagiu com o perfil REVISITANDO, foram mulheres com predomínio da faixa etária entre 25 a 34 anos. Também a faixa etária de homens que interagiram com o perfil REVISITANDO, foram predominantemente entre 25 e 34 anos.

Já no quesito dias e horários, constatou-se uma baixa de interatividade entre três e seis horas da manhã. Repercutindo maiores picos de interação nos horários das 24h; 15h; 18h e 21h. Já os dias mantiveram-se na mesma frequência de segunda a domingo.

Certamente, pela complexidade que envolveu o processo de construção do Instagram REVISITANDO desde o início, não nos é possível relatá-lo em sua inteireza. Ante a um trabalho pronto e acabado, procuramos, com otimismo, enfrentar o desafio de produzir uma nova releitura de *Gabriela, cravo e canela* a partir do Instagram.

Observamos que ocupar e explorar este espaço narrativo se constitui como um trabalho pioneiro e, portanto, esperamos instigar novas possibilidades de estudos teóricos, literários e metodológicos integrados ao contexto da plataforma das novas mídias digitais.

¹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=JgJ_1BPtw2s

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=nQ0Y3SpVVbc&t=211s>

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=PjJuzwLRTqg>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho parte do desejo em desenvolvermos coletivamente um estudo transversal sobre literatura, tecnologias midiáticas e feminismo. Esta oportunidade nos foi dada pelo curso de pós-graduação em Linguagens e Educação a Distância, em que vimos a oportunidade de levarmos adiante nossas aspirações iniciais a partir do desenvolvimento de uma criação midiática como trabalho final de conclusão de curso.

Foi assim que escolhemos revisitar o romance amadino *Gabriela, cravo e canela* por meio do Instagram sob uma perspectiva crítica feminista. Para tanto, algumas perguntas nos acompanharam para desenvolver nossa proposta entre elas:

- Por que escolhemos a obra *Gabriela, cravo e canela*, ou seja, o que esta obra tem de relevante?
- Sob que olhar teórico vamos nos aproximar do romance?
- De que lugares históricos e sociais se constituem as mulheres neste romance?
- Como vamos reinventá-las a partir da crítica feminista?
- Em que lugares ou esfera de circulação midiática, vamos ocupar para realizar nossa proposta de trabalho?
- A partir de que linguagem vamos comunicar nossas intenções teóricas e metodológicas?

Pode-se dizer que todo o trabalho de construção midiática foi permeado pelas questões mencionadas anteriormente. E, sem dúvida, foi trabalhoso respondê-las uma a uma até chegarmos às suas inter-relações necessárias as quais significaram a própria materialização do Instagram REVISITANDO.

Escolhemos então *Gabriela, cravo e canela* especialmente porque este romance ocupa um lugar importante dentro da literatura brasileira e da biografia de seu autor. Trata-se de um romance popular e ainda muito potente de sentidos, especialmente porque a moderna ficção de Jorge Amado dialoga com a construção de um tempo e lugar que ainda nos soam muito próximos de corpos sociais, estrutura de poder e realidades brasileiras.

Não se pode negar que Jorge Amado é um grande admirador da cultura popular nordestina, a favor de uma tendência cordial social e política e de uma visão otimista sobre a democracia racial e de realidades brasileiras. Paradoxalmente a esta visão, a leitura do

romance nos levou a olhar com mais profundidade a pequena Ilhiús dos anos de 1920 e, ao nos aproximarmos, fomos sendo levadas ao encontro incontestante com o feminismo negro que, por sua vez, nos levou ao conceito de lugar de fala, interseccionalidade e a invenção da mulata no Brasil. Foi deste lugar teórico que nos aproximamos do romance.

Ao avançarmos nas elaborações teóricas, nos pareceu imprescindível inserirmos um debate interseccional de classe, raça e gênero com base na percepção de como Jorge Amado reproduz a ordem social vigente, ou seja, de como confirma e legitima o corpo social da mulata como objeto sexual e ao mesmo tempo relega um lugar de silêncio às mulheres no romance dentro da estrutural de poder predominantemente patriarcal em que vivem.

Para tanto, reinventar o lugar social das mulheres amadinas a partir dos constructos teóricos feministas, significou perder em parte o tom literário romanescos para dar ênfase às experiências das mulheres dentro da matriz de dominação que as impedem de existir em determinados espaços no romance. (RIBEIRO, 2018). Foi a partir desse olhar que nos apropriamos dos conceitos de lugar de fala e de interseccionalidade, ou seja, para problematizar a localização desses corpos femininos brancos e negros, pensando criticamente esses lugares em que estão naturalizadas as mulheres. Reinventar as mulheres amadinas, diz respeito então, em produzir outras narrativas socio-ideológicas ou ainda, apontar criticamente de que lugar elas falam ou silenciam no romance.

Para empreender essa proposta escolhemos o Instagram como mídia digital privilegiada para arquitetar verbo-visualmente a releitura do romance *Gabriela, cravo e canela*. O primeiro passo para essa construção foi nos familiarizar com a plataforma Instagram e os aplicativos compatíveis à este, explorando ao mesmo tempo as possibilidades de criação verbo-visuais. O segundo passo consistiu então na escolha imagética, textual e audiovisual que compuseram a interface de contato com os interlocutores do Instagram REVISITANDO.

Assim, elegemos três grandes eixos temáticos para compor as releituras verbo-visuais do romance: #Mulata; #Lugar de Fala e #Provocações. No eixo temático: Mulata, buscou-se problematizar e desconstruir este sujeito social a partir de uma visão crítica de como a mulata foi historicamente “inventada” de forma racista e pejorativa no Brasil. Em Lugar de Fala, resgatou-se o lugar social das mulheres e de como são vistas como unidades psicológicas individualizadas e não autorizadas à voz e à existência, narradas pelos discurso masculino, silenciadas nos espaços públicos e solitárias diante de seus desejos. Já em Provocações buscou-se acirrar o que chamamos de “estranho familiar” da obra. Ou seja, o

quanto a pequena Ilhiéus dos anos de 1920 ultrapassa a obra de ficção e é capaz de produzir sentidos e efeitos de sentidos ainda hoje.

Para comunicar nossas intenções teóricas e metodológicas, produzimos então as verbo-visualidades a partir da abertura de uma conta comercial no Instagram, a qual, nos possibilitou mensurar os índices de interatividade e participação dos interlocutores e, sobre isso, alguns pontos merecem ser considerados. A primeira grande percepção da métrica geral foi a participação predominantemente feminina (71%) na faixa etária de 25 a 34 anos. A interação masculina basicamente foi “curtidas” sem participação escrita. Em geral, provavelmente pelo baixo índice de seguidores (121), as publicações oscilaram entre 9 a 37 curtidas, mesmo que o alcance em contas individuais tenha sido razoavelmente grande, chegando a aproximadamente 600 contas em uma das publicações devido ao uso das hashtags.

Outro ponto a ser considerado foi o uso de vídeos de até dois minutos no Stories e Destaques em que observamos uma perda de usuários do início até o final da apresentação audiovisual. Este fato nos leva a refletir sobre a interação do Instagram que exige dinamicidade para trabalhar conteúdos imagéticos e audiovisuais e, de modo especial, sobre a organização do público-alvo em comunidades ou com interesses semelhantes, o que não nos foi possível elaborar em tempo hábil. E, portanto, deixamos como sugestão de estudo e de novas propostas de trabalhos.

Esforçamo-nos assim, em resgatar a possibilidade de integrar ciência, literatura e sociedade dentro do contexto das mídias digitais. Nesse percurso, muitas questões não foram possíveis de serem exploradas com maior profundidade e, por isso, longe de esgotar a questão, deixamos em aberto a continuidade do diálogo aos pesquisadores interessados na relevância social do tema. Pontuamos a necessidade do olhar interdisciplinar sobre o tema em que educação, tecnologia, ciência da informação e outras áreas do conhecimento poderão auxiliar na reflexão de novos caminhos a partir da linguagem das mídias digitais.

Pode-se dizer que a concretização do Instagram REVISITANDO, foi um passo moroso, envolvente, importante e inacabado haja vista as inesgotáveis possibilidades de sua criação.

REFERENCIAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs: mapeando um objeto**. Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, no GT História da Mídia Digital. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Blogs%20Mapeando%20um%20objeto.pdf> Acesso em Dezembro de 2018.
- ANDREWS, George Reid. Democracia racial brasileira: 1900-1990: um contraponto americano. **Estudos Avançados**, 11 (30), 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a08.pdf>. Acesso em: Julho de 2019.
- ARAÚJO, Clarice Fortunato. **Nem do cravo, nem da canela: O entre lugar da mulher mestiça em Gabriela de Jorge Amado**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30404929.pdf>. Acesso em: Junho de 2019.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminino. **Cadernos de Leituras**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf>. Acesso em Maio de 2019.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf> . Acesso em: dezembro de 2018.
- CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais**. (dissertação). Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói, 2011. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf>. Acesso em: Maio de 2019.
- CORREA, Mariza. Sobre a invenção da Mulata. **Cadernos Pagu** (6-7), p p.35-50, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860/1981>. Acesso em: Maio de 2019.
- CRENSHAW, KIMBERLE. **A interseccionalidade na discriminação de Raça e Gênero**. (200¿). Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: Julho de 2019.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- FLORES, Natalia. **Divulgação de ciência na mídia: algumas reflexões**. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife - PE – 14 a 16/06/2012.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0331-1.pdf> Acesso em: Julho de 2019.

GILLIAM, Angela e Onik'a. "Negociando a subjetividade da mulata no Brasil". **Estudos Feministas**, ("Dossiê Mulheres Negras"), 3(2), 1995.

GOMES, Mariana Selister. A (des) (re) construção do Brasil como um paraíso de Mulatas. **Revista eletrônica de turismo Cultural**. V.4, n. 2, 2010. Disponível em: http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03_Mariana_Selister.pdf. Acesso em: Julho de 2019.

HATSCHEBACH, Bruno; FAVORETO, Aparecida. Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em *Gabriela, cravo e canela*. **REBELA**, v.7, n.2. mai./ago. 2017. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/rebela/revista/volume-7-numero-2-2017/rebela/revista/artigo/notas-preliminares-acerca-do-feminino-em> Acesso em: Maio de 2019.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **MEDIAÇÕES**, Londrina, V. 20, n. 2, p. 97-128, JUL./DEZ. 2015.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. Tradução Rosaura Eichenberg. 1ª ed. Curitiba PR: A Página, 2012.

MEYER, Ana Rita. A categoria Mulata e sua própria negação como negra e como mulher. **Mosaico Social** - Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC. Ano V, n. 05 –: 250-267, 2010

MOUTINHO, Laura. Entre o realismo e o ficcional: representações sobre raça, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 307-327, July 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 de Agosto de 2019.

NASCIMENTO, Renata Maria Souza. **Revisitações à Gabriela: Uma experiência de leitura da recepção crítica do romance**. (Dissertação). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11225/1/Renata%20Maria%20Souza%20do%20Nascimento.pdf> Acesso em: Junho de 2019.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 23-30, out./dez. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/10202> Acesso em: Maio de 2019.

PEREIRA, Andiara Ramos. Viver nas fronteiras: feminismo interseccional e outros espaços de educação. **Concinnitas**. Ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016. Disponível

em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/25927/18564>
Acesso em: Junho de 2019

PEREIRA, Cezar Antonio. A mídia na ciência da Informação. **Transinformação**, v. 30, n. 2, p. 141-152, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v30n2/0103-3786-tinf-30-2-0141.pdf>. Acesso em: Julho de 2019.

PORTO, Cristine; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; ROSA, Flávia. (Org). **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. Ilhiús, BA: Editus, 2018.

PSCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiência de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p.p 263-274. jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295>. Acesso em: Junho de 2019.

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcanti. O patriarcalismo em Gabriela, cravo e canela: o estilhaar do ritual ideológico radical. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 091-108, jan./abr. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/MARLY/Downloads/5358-20718-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MARLY/Downloads/5358-20718-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: Maio de 2019.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analise de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes**. Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2>. Acesso em: Julho de 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Minas Gerais: Letramento: Justificando, 2017.

SÁ, Alzira Queiroz Gondim Tude de. Gabriela, cravo e canela: possíveis leituras entre os jardins do museu Rodin. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 4, Número Especial, p. 142-161, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1495> Acesso em: Maio de 2019.

SAMPAIO, PRISCILLA CAVALCANTE. **O Instagram como instrumento de marketing no meio digital para empresas de moda: estudos de caso das lojas Il-Brand**. (Monografia). Universidade Federal do Ceará. Instituto de cultura e arte. Curso de comunicação social. Habilitação em publicidade e propaganda. Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26609/1/2013_tcc_pcsampaio.pdf. Acesso em: Junho de 2019.

SANTINI, Juliana. **Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade**. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC, em mesa-redonda intitulada “Regionalismo na Literatura Brasileira”. O eixo e a roda: v. 23, n. 1, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/viewFile/5908/5126. Acesso em: Julho de 2019.

SILVA, Scheilla Maria Orlosqui Cavalcante da; GOMES, Fabrícia Cristina Gomes. **Tecnologias e mídias digitais no contexto escolar: Uma análise sobre a percepção dos professores.** Educere: XII Seminário de Educação, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20367_8499.pdf Acesso em: Julho de 2019.

SOUZA, Natalia Eugênia Almeida. A reivindicação por emancipação em três personagens femininas da obra Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado. **Revista dEsEnrEdoS** - Ano V, Número 16, Teresina – Piauí. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/16-artigo-JorgeAmado-NataliaEugenia.pdf>. Acesso em: Junho de 2019.

VICENTE, Natalí Ilza; CORREA, Eliza Cristina Delfini; SENA, Tito. **A divulgação científica em redes sociais na Internet: proposta de metodologia de análise netnográfica.** (Comunicação Oral). XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB). GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação. João Pessoa, PB, 2005. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2853/1160>. Acesso em: Julho de 2019.

WERNER, Priscila Cardoso. **Entre cravo e canela a opressão era da Gabriela: A violência do corpo feminino como banalidade da dominação masculina.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499447262_ARQUIVO_Artigo-UFSCJorgeAmado-Gabriela07.07ultimo.pdf. Acesso em: Maio de 2019.